

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

RICARDO FERREIRA GUEDES

Princípio Biocêntrico:

A contribuição do Pensamento de Rolando Toro
para o campo da Educação

João Pessoa – PB

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

RICARDO FERREIRA GUEDES

Princípio Biocêntrico:

A contribuição do Pensamento de Rolando Toro
para o campo da Educação

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, na Linha de Pesquisa Educação Popular, sob a orientação da Profa. Dra. Elisa Pereira Gonsalves.

João Pessoa – PB

2012

RICARDO FERREIRA GUEDES

Princípio Biocêntrico:

A contribuição do Pensamento de Rolando Toro
para o campo da Educação.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Elisa Pereira Gonsalves
Orientadora

Prof. Dr. Erenildo João Carlos
Examinador

Profa. Dra. Glória das Neves Dutra Escarião
Examinadora

AGRADECIMENTOS

À minha mestra Profa. Dra. em Educação, Elisa Gonsalves, planeta de luz própria que iluminou minha vida acadêmica com seus ensinamentos e cuidou do meu processo pedagógico com carinho, zelo e paciência.

À amiga-irmã Beatriz Soares, pelas palavras de luz e energias saudáveis que nutriram toda minha caminhada no campo vivo dos saberes.

Às companheiras de fé e luta: Ione Maia, Cida Porte, Maria da Penha e ao amigo Genilson Paulino, que sempre massagearam meu ego com ternura.

Enfim, a todos que direta e indiretamente me proporcionaram o experienciar de minhas pautas internas no grupo regular de biodança e também fora da roda biodançante nesse caminhar de grandes encontros e descobertas na construção da pessoa que hoje sou.

EPIGRAFE

Somos la memoria del mundo.
Sólo debemos recordar lo que
está en nuestras células.
Los frutos del verano.
El amor voluptuoso.
La capacidad de ponerse en el lugar
del otro.
El contacto.
El coraje de innovar...

Rolando Toro

RESUMO

Esta pesquisa, de natureza bibliográfica, tem como objetivo verificar se a proposta do Princípio Biocêntrico elaborado pelo chileno Rolando Toro traz inovações conceituais, metodológicas para o campo da Educação. A relação do paradigma do Princípio Biocêntrico como objeto da pesquisa faz ressaltar algumas contribuições para a educação dentre as quais destacamos: a afetividade como fator promotor da aprendizagem; a inteligência afetiva como aspecto imprescindível para a educação contemporânea; a linguagem do corpo como um conhecimento pautado numa lógica sensível; a historicidade do corpo e as condutas éticas. Tomamos como referencial teórico o criador dessa temática Rolando Toro, Elisa Gonsalves, Fritjof Capra, David Bohm, Nobert Elias, Humberto Maturana e Francisco Varela dentre outros. A construção teórica sobre o sensível, intuitivo e o que é sentido, vivenciado e experienciado no aqui e agora, mediante estímulos pró-vida, fornece elementos para a construção de uma base epistemológica que articule argumentos da compreensão do corpo humano na sua relação com o ambiente, a cultura e sociedade em que vive, bem como o fenômeno da cognição como um texto corporal, defendendo uma concepção para o desenvolvimento humano nas múltiplas dimensões: cognitiva; social; cultural; vivencial; emocional; espiritual; ético e afetivo.

Palavras-chave: Princípio Biocêntrico, Educação, Inteligência Afetiva, Corpo.

ABSTRACT

This research bibliographic aims to determine whether the proposal prepared by the Principle Biocentric, Chilean Rolando Toro breaks new conceptual methodological, to the field of Education. The relationship between the biocentric paradigms Principle as an object of research does highlight some contributions to education among which we highlight: affection as a factor that promotes learning, emotional intelligence as a vital aspect to contemporary education, body language as knowledge based a sensitive logic, the historicity of the body and ethical conduct. We take the theoretical creator of this theme Rolando Toro, Elisa Gonsalves, Fritjof Capra, David Bohm, and Nibert Elias, Humberto Maturana and Francisco Varela and others. The theoretical construction on the sensitive, intuitive and what is felt, lived and experienced in the here and now, through stimulation pro-life, provides elements for building a basic epistemological arguments that articulates the understanding of the human body in its relationship with the environment , culture and society in which they live, as well as the phenomenon of cognition as a text body, advocating a design for human development in multiple dimensions: cognitive, social, cultural, experiential, emotional, spiritual, ethical and affective.

Keywords: Principle Biocentric, Education, Affective Intelligence, Body.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. EDUCAÇÃO, TRANSIÇÃO PARADIGMÁTICA E PRINCÍPIO BIOCÊNTRICO	14
1.1. Novas Emergências e Urgências Paradigmáticas	16
1.2. O Princípio Biocêntrico	26
1.2.1. O Princípio Biocêntrico: origens e uma aposta enactante	27
1.2.2. A Qualidade Autopoiética do Universo e a Inteligência Cósmica	35
1.2.3. A Noética do Cosmos	39
1.2.4. Sentimentos Vitais	42
2. PRINCIPIO BIOCENTRICO E EDUCAÇÃO	48
2.1. A Anterioridade das Emoções	49
2.2. A Centralidade do Afeto	52
2.3. Os Objetivos da Educação Biocêntrica	57
2.4. Educação Biocêntrica e a Expressão dos Potenciais Genéticos	62
2.4.1. Vitalidade	63
2.4.2. Sexualidade	64
2.4.3. Criatividade	65
2.4.4. Afetividade	67
2.4.5. Transcendência	69
2.5. Educação e Vivência	70
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	77

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasce de um desejo e de uma descoberta fascinante, onde o espaço para vida parece ter-se multiplicado de tal forma, que suas fronteiras já se dispõem como horizontes sagrados, que se lançam infinitamente a um fim que nunca se atinge, é o generoso convite proposto por Rolando Toro: dançar a vida, e prosseguir nesta dança criadora autopoética da renovação orgânica, num fazer e refazer de si e do mundo.

Esta experimentação vivencial de ritmos e formas, de cores e sons, de passos e movimentos, de sonhos, desejos e emoções, anuncia o encantamento em que foi envolvido o próprio autor, onde a vida se revela na dança que pulsa dentro de cada ser vivo, incitando o cosmos ao grande desafio da criação: “Parir! Parir a si mesmo”, sussurrou o criador docemente. E foi assim que Rolando Toro pôs-se a bailar a ciência espalhando pelo mundo como um ímã numa sedução afetiva e criativa. Começou então a bradar as palavras da vida: Criem! Criem a vida. Alguns ouviram e deixaram o murmúrio escapar rapidamente pelo tímpano oposto. Outros pararam por um instante e armazenaram os sons em algum baú esquecido e empoeirado. Mas há os que não escaparam ilesos e foram hipnotizados pela melodia vinculativa que entoa perenemente a dança da vida.

Nesses termos, a educação pode ser compreendida como uma vivência relacional que envolve experiências integradoras que podem levar ao experimento do sentimento de afetividade nas relações entre as pessoas. Os conteúdos vinculativos estão presentes no cotidiano escolar, envolvendo valores, atitudes, normas que influem nas relações e interações da comunidade escolar numa perspectiva educacional responsável, valorativa (GONSALVES, 2009). Um estado de afeto é o estado de afinidade de criação de vínculos que estão intrínsecos na afetividade.

O modelo tradicional de ensino persiste em educar o cidadão verticalmente em sua hegemonia do saber, desconsiderando a totalidade do ser. O Princípio Biocêntrico foi formulado em meio à repressão pelo regime do ditador Pinochet, no Chile; opressão aterrorizante instalada na década de 70. Toro buscou os referenciais de vida e apoiou neles uma proposta de resgate a dignidade humana como um grito de liberdade diante da opressão vivida.

A teoria do Princípio Biocêntrico coloca a prioridade absoluta das ações educativas na conservação e evolução da vida, estimulando a expressão dos instintos e o

desenvolvimento afetivos das protovivências e vivências integradoras (TORO, 2007). Para este autor, educar é criar situações de aprendizagem para que as pessoas sintam prazer por estar vivo, através de métodos vivenciais, onde o corpo inteiro aprende. (GONSALVES, 2009. p. 23). A educação na perspectiva biocêntrica é uma construção de vínculos afetivos, aponta para a necessidade de aprender a viver, a ser feliz e a vincular-se afetivamente.

As estruturas cognitivas são fortemente impulsionadas quando se estabelece o vínculo entre os protagonistas da aprendizagem (educador e educando). O vínculo surge quando duas pessoas dão início ao diálogo da afetividade; quando a presença de um passa a ter significado para o outro e vice-versa; quando a relação de convivência se consolida no amor mútuo. Etimologicamente, Educação Biocêntrica significa educando para a vida, portanto, é mais do que um método, é um jeito de viver, uma filosofia, uma proposta de vida de uma nova ciência, que trata de princípios, de outra lógica e maneira de ver o mundo, através de metodologias educacionais e educativas.

A sociedade ocidental ao longo da história passou por vários paradigmas: o cosmocêntrico; o teocêntrico e o antropocêntrico. Neste último, é o homem que vai para o centro de tudo. Na época em que isso foi proposto, período da ciência moderna, a razão é desconectada do corpo, por isso o homem, racional, que vai para o centro se julga superior aos outros homens e à natureza, podendo destruí-la para produzir ciência. Ainda hoje, estamos sobre a influência desse paradigma. Já é hora de sair desse paradigma, para uma mudança. É necessário para uma sociedade saudável, solidária e equânime que a vida vá para o centro: a vida do ser humano; a vida dos animais; a vida do planeta.

A Educação Biocêntrica se apresenta como uma proposição vivencial para trazer a importância do presente e do instante, da sacralização que celebra cada momento e recupera o sagrado que está contido na vida. Pode assumir então, como objetivo pedagógico e ontológico, criar situações educativas onde as pessoas possam compreender que a vida se auto-organiza e se desenvolve fomentada pela qualidade das nossas relações, pela luminosidade das energias em movimento, pela alegria que cada novo amanhecer desperta em todo universo. Sobretudo vem promover, com isso, uma inversão epistemológica, ensinar que a aprendizagem se realiza através dos laços de amorosidade, das vivências individuais e em grupo, da vinculação ecológica com a

natureza, consigo mesmo, com os outros, com o cosmos. E disso derivam-se os conteúdos, a metodologia de ensino, os procedimentos de avaliação e os objetivos.

O eixo norteador desse trabalho reside em verificar se a proposta do Princípio Biocêntrico elaborado por Rolando Toro traz inovações conceituais, metodológicas para o campo da educação. Para tanto se optou por realizar uma pesquisa de natureza bibliográfica. Cervo e Bervian (1983, p.55) definem a pesquisa bibliográfica como a que:

Explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Ambos os casos buscam conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existente sobre um determinado assunto, tema ou problema.

Esses estudos são importantes no sentido de procurar formular novas teorias ou mesmo buscar elucidar teorias já existentes.

Gil (2008) explica que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida mediante material já elaborado, principalmente livros e artigos científicos, entre outros. Apesar de praticamente todos os outros tipos de estudo exigirem trabalho dessa natureza, isso porque a pesquisa bibliográfica tem por objetivo conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre determinado tema. Ela dá suporte a todas as fases de qualquer tipo de pesquisa, uma vez que auxilia na definição do problema, na determinação dos objetivos, na construção de hipóteses, na fundamentação da justificativa da escolha do tema e na elaboração do relatório final.

A realização da pesquisa científica vem contribuir assim com o aprimoramento e melhoria das condições de vida em sociedade, como também da comunidade científica com a implantação de técnicas e métodos relativos às novas descobertas.

Segundo Secaf (2004, p. 19), “Escrever e publicar é uma tomada de decisão que envolve aspectos metodológicos, legais e éticos, de redação, de criatividade, e também de custo e gerenciamento do tempo”. Para tanto, torna-se necessário o planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendido desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão quanto a sua forma de comunicação e divulgação.

De acordo com Araújo (2003, p. 58), “O termo pesquisa diz respeito a uma classe de atividade cujo objetivo é desenvolver ou contribuir para o conhecimento generalizável”. Já Moreira (1999) diz que “a pesquisa científica é um processo de busca,

tratamento e transformação de informações segundo regras fornecidas pela metodologia de pesquisa”.

Dentro desse contexto, apresenta-se a pesquisa bibliográfica por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições da teoria do Princípio Biocêntrico referendada pelo criador do Sistema Biodanza para a área da educação. Esse sistema - difundido mundialmente - é, segundo seu criador, um “Sistema de Integração humana, de renovação orgânica, de reeducação afetiva e de reaprendizagem das funções originárias da vida” (TORO, 2008, p. 22). Utilizando a música enquanto linguagem universal e a dança integrando corpo-alma e expressão plena do ser, em situações de encontro em grupo.

A leitura sobre a relação do Paradigma do Princípio Biocêntrico com o objeto da pesquisa faz ressaltar alguns apontamentos para refletirmos sobre suas contribuições para a educação e para a saúde dentro os quais destacamos: o conceito de aprendizagem; a linguagem do corpo como um conhecimento pautado numa lógica sensível; a historicidade do corpo e as condutas éticas.

A discussão realizada da construção teórica sobre o sensível, afetivo e o que é sentido, vivenciado e experienciado no aqui e agora, mediante os estímulos pró-vida, poderá fornecer elementos para a construção de uma base epistemológica que articule argumento da compreensão do corpo humano na sua relação com o ambiente em que se vive, bem como o fenômeno da cognição como um texto corporal, vivencial e visceral.

O corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem e este é um ser essencialmente corporal, pois pelo corpo manifestamos aspectos de nossa existência, de nossa cultura, de nossa sociedade. Para que então dissociá-lo da mente, do intelecto, dos pensamentos, dos sentimentos?

A partir de Merleau-Ponty (1994), – inspirador de Rolando Toro - entendemos que não há outra forma de conhecer o corpo senão vivê-lo. O corpo humano é um processo, uma organização em constante alteração e transformação, um movimento que precisa ser acompanhado de dentro e não comandado de fora. Assim como o corpo encontra-se em constante construção, a corporeidade também não pode ser vista como a essência do corpóreo, mas como um processo de construção que acontece ao longo da vida. É nosso referencial com o mundo; por meio dele existo e me relaciono com os demais. A mente não existe sem o corpo e o corpo não existe sem a mente. A mente e o

corpo coabitam e coexistem num mesmo ser. É o cérebro-mente que comanda os movimentos, as ações, os pensamentos, as emoções do ser humano.

A possibilidade de estabelecer aproximações epistemológicas entre ciências naturais, humanas e a filosofia, poderá contribuir com a educação e a área da saúde para que esta reconheça a polissemia do corpo e a necessidade de buscar o diálogo entre as diversas áreas do conhecimento, em vez de operar pela fragmentação dos saberes e práticas, e pela fragmentação do próprio sujeito em corpo e mente.

Assmann (2004) explica que o conceito corporeidade surge do pós-dualismo do organismo vivo, a fim de superar as fragmentações corpo/alma, cérebro/mente, matéria/espírito. Enquanto que a Teoria Fenomenológica da Percepção Humana de (MERLEAU-PONTY, 1994) parte da premissa de que a corporeidade é a manifestação relacional do homem consigo e com o universo. Isto é, expressa o envolver e mover os indivíduos por meio de um campo energético de feixes irradiantes de sentimentos e emoções no viver e conviver no mundo. Sendo assim, passível de mudanças e transformações associadas ao espaço-tempo e aos processos energéticos com o qual interage presencialmente ou virtualmente.

Essas reflexões podem contribuir com a educação popular para o reconhecimento da linguagem do corpo como possibilidade de conhecimento. Um conhecimento pautado numa lógica sensível que emerge do corpo e é revelada no movimento que é o gesto, a linguagem, a ação, a comunicação, a interação, o vínculo de amor e afeto.

Destaca-se, ainda, que o vínculo afetivo referido nessa proposição não pode ser comparado ao afeto presente nos pressupostos do empirismo. O afeto aqui tematizado, advém da interação entre sujeito e objeto do conhecimento, manifesta-se nos processos corporais, nos movimentos dançantes como: respirar, caminhar, cheirar, sentir, onde ocorre a percepção. Ao mesmo tempo em que contém significações que singularizam o sujeito, permite a intercomunicação com a singularidade do outro, sendo considerada também para a construção do conhecimento autopoético de emoções positivas em conexão com a vida.

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo verificar se a proposta do Princípio Biocêntrico elaborado pelo chileno Rolando Toro traz inovações conceituais. Metodológicas para o campo da educação. Para tanto, está estruturada em dois capítulos

basilares: Educação, Transição Paradigmática e Princípio Biocêntrico; e Princípio Biocêntrico e Educação.

No primeiro capítulo, - intitulado Educação, Transição Paradigmática e Princípio Biocêntrico - trataram-se das mudanças de paradigmas que ocorreram na educação nas últimas décadas, em sua essência, também as novas exigências paradigmáticas da atualidade, bem como, o Princípio Biocêntrico e sua origem, que se inspira na intuição do universo organizado em função da vida e consiste em uma proposta de reformulação de nossos valores culturais que tomam como referencial o respeito à vida. No decorrer do capítulo, trataremos também da qualidade autopoiética do universo e inteligência cósmica, no sentido de que, o ser humano precisa entender que é um elemento de um sistema vivo maior, que seus atos são capazes de transformar esse sistema vivente e, que ele está sujeito às modificações do sistema. Logo, o equilíbrio desse sistema depende da forma como o indivíduo se comporta consigo mesmo, com o outro e com o meio onde vive. Está aqui também evidenciado a noética do cosmos que, por sua vez, investiga a natureza e potencialidade da consciência, explora o mundo exterior da mente, da alma vivente e como se relaciona com o universo físico. Os sentimentos vitais: humor endógeno e intracampo, pois esses, segundo o Princípio Biocêntrico, têm aspectos cenestésicos vivenciais do sentir-se vivo e essa experiência vivida é uma realidade fenomenologicamente vivenciada no corpo.

No segundo capítulo, - intitulado Princípio Biocêntrico e Educação – desenvolveu-se uma reflexão sobre os desdobramentos do Princípio Biocêntrico para a prática educativa, ao revisar o conceito e as principais características da educação, procurando identificar novas possibilidades de conceituação e/ou novas formas de caracterização. Visa à reflexão do Princípio Biocêntrico, que é o critério da ética e prioriza a defesa e o cuidado da Vida em suas mais variadas formas.

Por último, tecemos as considerações finais que destaca os pontos mais relevantes do tema apresentado, elucidando as características e objetivos do Princípio Biocêntrico.

1. EDUCAÇÃO, TRANSIÇÃO PARADIGMÁTICA E PRINCÍPIO BIOCÊNTRICO.

Este capítulo abarca sobre as mudanças de paradigmas que ocorreram na educação nas últimas décadas, em sua essência, também as novas exigências paradigmáticas da atualidade, bem como, o Princípio Biocêntrico e sua origem, que se inspira na intuição do universo organizado em função da vida e consiste em uma proposta de reformulação de nossos valores culturais que tomam como referencial o respeito à vida.

As mudanças que ocorreram nas sociedades nas últimas décadas, abrangendo campos de atividade tão distintos como as ciências, artes e tecnologias, vieram abalar muitos valores e conceitos pelos quais a academia se. Tais valores e conceito, consagrados, especialmente no que se refere aos paradigmas científicos, que nos tem servido de referência. Seus princípios, suas conclusões são relativizadas, criando perplexidade e inquietação pela ausência de uma alternativa capaz de dar sentido às mudanças e de nos comprometer com ela.

O paradigma pode ser compreendido como um “mapa” que define os limites do território onde as respostas serão procuradas em primeiro lugar, um princípio orientador e estruturador ou modelador de um sistema teórico, de valor, existencial. Em síntese, é um conjunto de princípios do conhecimento e de pressupostos que definem o tipo de dados que somos capazes de ver em primeiro lugar.

Entretanto, na história do progresso científico, às vezes foram realizadas mudanças que não foram apenas incrementais, mas representaram uma ruptura com o passado, abrindo um novo capítulo na nossa compreensão da natureza, exigindo, inclusive, a reconstrução das teorias anteriores e a reinterpretação de observações experimentais antes realizadas. Exemplos de proponentes destas rupturas incluem Copérnico, que explicou os movimentos dos planetas supondo que estes moviam em torno do sol ao invés da Terra; Darwin, que explicou a origem das espécies; e Einstein, que nos apresentou a relatividade de observação de fenômenos físicos.

Um paradigma é um modelo de análise, que pode ser representado por um conjunto de relações entre variáveis de uma determinada área do conhecimento. Outro significado lhe atribui Kuhn (1989), para quem um paradigma não é apenas um modelo

de análise, mas algo mais elaborado e complexo, que implica uma ruptura com os quadros de referência anteriores.

No seu livro *A Estrutura de Revoluções Científicas*, de 1978, Thomas Kuhn se refere às rupturas como "mudanças de paradigma", um termo que hoje é usado mais genericamente para descrever uma modificação profunda em nossos pontos de referência.

Thomas Kuhn argumenta que para solucionar os problemas que encontram os cientistas utilizam certos "mapas" que reúnem o conhecimento disponível e dá, a esses mapas, o nome de paradigmas, do grego *parádeigma*, cuja tradução em português pode ser "*modelo*":

Um paradigma é uma constelação de conceitos, valores, percepções e práticas compartilhadas por uma comunidade científica que apresenta uma determinada concepção da realidade, estruturada a partir de um determinado tipo de pensamento, (KUHN 1989, p.32).

Kuhn reúne informações ou limita o território em que se procuram as soluções para os problemas que são enfrentados. E cada problema solucionado reforça a crença no paradigma estabelecido.

Ao analisar o conhecimento científico, Kuhn distingue entre o que considera ser o crescimento "normal" do conhecimento, um processo acumulativo em que o conhecimento novo se organiza utilizando as categorias que já existiam anteriormente e aquilo que designa por "revoluções científicas", que constituem autênticos momentos de ruptura com os quadros teóricos anteriores.

Na perspectiva desse autor, inicia-se um período de crise, que pode conduzir uma mudança de paradigma, quando um problema não é resolúvel pelas teorias e regras dominantes na comunidade científica. Há então que romper com esses quadros e produzir um novo modelo que os consiga explicar. Tal mudança não pode, contudo, fazer-se gradualmente, passo a passo; pelo contrário, as revoluções científicas ocorrem globalmente.

Uma segunda característica das revoluções científicas é o fato de exigirem a mudança das categorias taxonômicas que eram previamente utilizadas nas descrições e generalizações científicas. Uma mudança de paradigma implica, em terceiro lugar, outro modelo, metáfora ou analogia para analisar os novos dados, o que significa que as revoluções científicas não se reduzem a uma mera reinterpretação de dados, antes são

momentos cruciais no desenvolvimento científico que implicam ruptura com os modelos explicativos anteriores (KUHN, 1989).

A mudança de paradigma determinada pela emergência e desenvolvimento das ciências sociais evidenciou a sua especificidade e complexidade, exigindo a sua interpretação e compreensão um modelo diferente do das ciências experimentais. De acordo com Boaventura Sousa Santos (1987), ao romper com a racionalidade positivista, as ciências sociais vão produzir um quadro teórico e metodológico próprio, que já não se fundamenta na “utilização de nexos causais para explicar as regularidades observáveis e prever o comportamento futuro dos fenômenos”, mas se baseia noutro tipo de racionalidade, num outro paradigma, qualitativo e interpretativo, que vai possibilitar o desenvolvimento destas ciências.

O caminho para a mudança e para outro modelo de racionalidade foi também impulsionado por avanços verificados nas ciências até então considerada “inflexíveis” como a física, a química e a biologia que, em vez das regularidades anteriores, passaram a assinalar características inesperadas no comportamento dos fenômenos, como a imprevisibilidade, a espontaneidade, a interpretação e a auto-organização. Tais características colocaram em causa, também relativamente a estas ciências, o poder explicativo do paradigma quantitativo e experimental que até aí utilizavam (MORIN, 1994), passando-se, daí em diante, a questionar a universalidade e imutabilidade das suas leis, o que contribuiu para diminuir a distância que até então as separava das ciências sociais.

1.1 As novas emergências e urgências paradigmáticas

O paradigma emergente, também designado por pós-moderno, descrê da objetividade e universalidade da ciência, propõe outro modelo de racionalidade e usa uma pluralidade de fontes e métodos para aceder ao conhecimento.

Antes de se analisar o paradigma considerado pós-moderno, convém primeiro precisar o que se entende por modernidade. O conceito de modernidade aparece associado à condição social que teve a sua origem na crença iluminista na razão e na capacidade da ciência para proporcionar o domínio sobre a natureza e para aperfeiçoar as instituições sociais com vista à emancipação do homem.

O movimento do Iluminismo veio preparar o clima revolucionário da época, período este que se promoveu uma revolução cultural e intelectual na história do pensamento moderno. Abre-se assim o caminho para a Revolução Francesa (1789) que em nome da “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” desencadeou o processo de ruptura com o passado.

A era da modernidade caracterizou-se pela forma participativa das tomadas de decisões na vida social, valorizando o método democrático e as liberdades individuais. O objetivo da sociedade moderna era oferecer uma vida digna, na qual cada um possa realizar sua personalidade, abandonando as constrictões de autoridades externas e ingressando na plenitude expressiva da própria subjetividade.

O paradigma cultural da modernidade constituiu-se entre o século XVI e finais do século XVIII coincidindo, aproximadamente, com a emergência do capitalismo enquanto modo de produção dominante nos países da Europa (SANTOS, 1995). Podem-se distinguir três períodos neste processo. O primeiro, cobrindo todo o século XIX, o período do capitalismo liberal. O segundo, que vai do fim do século XIX até o período após a Segunda Guerra Mundial, caracterizado pelo capitalismo organizado. E o terceiro, que se inicia no final da década de sessenta, onde se observa o capitalismo financeiro, também designado de capitalismo desorganizado.

Por ser um projeto muito rico, a modernidade é capaz, inclusive, de movimentos contraditórios e complexos que podem ser compreendidos a partir da interação de dois princípios gerais destacado por Boaventura Santos: o da regulação e o da emancipação. As forças regulatórias englobariam as instâncias de controle e heteronomia. De outro lado, as forças emancipatórias expressariam as alternativas de expansão da personalidade humana, oportunizando rupturas, descontinuidades e transformações.

Neste sentido, Santos discorre:

O projecto sócio-cultural da modernidade é um projecto muito rico, capaz de infinitas possibilidades e, como tal, muito complexo e sujeito a desenvolvimentos contraditórios. Assenta em dois pilares fundamentais, o pilar da regulação e o pilar da emancipação. São pilares, eles próprios, complexos, cada um constituído por três princípios. O pilar da regulação é constituído pelo princípio do Estado, cuja articulação se deve principalmente a Hobbes; pelo princípio do mercado, dominante sobretudo na obra de Locke; pelo princípio da comunidade, cuja formulação domina toda a filosofia política de Rousseau. Por sua vez, o pilar da emancipação é constituído por três lógicas de racionalidade: a racionalidade estético-expressiva da arte e da literatura; a racionalidade moral-prática da ética e do direito; e a racionalidade cognitivo-instrumental da ciência e da técnica. (SANTOS, 1995, P.77)

A racionalidade estético-expressiva articula-se, privilegiadamente, com o princípio da comunidade, onde se condensam as ideias de identidade e comunhão, intimamente relacionadas à contemplação estética. Já a racionalidade moral-prática conecta-se, preferencialmente, ao princípio do Estado, e a racionalidade cognitivo-instrumental corresponde-se ao princípio do mercado; tanto porque nele se condensam ideias de individualidade e concorrência - centrais ao desenvolvimento da técnica - como pela conversão da ciência numa força produtiva a partir do século XVIII.

A partir da articulação desses princípios entre si, e da proposta de maximização das potencialidades inerentes a cada um deles, a modernidade construiu um ambicioso e revolucionário projeto cultural, que buscou transformar a face da Terra pela fé na ciência e na técnica aplicadas às forças produtivas; nas relações liberais de mercado como capazes de construir um estado justo e próspero; na positividade do progresso e na sua constante renovação e superação.

No entanto, o que se observou é que, ao invés dos princípios coexistirem harmoniosamente, sinergicamente, eles se sobrepuseram uns aos outros, levando o processo a um desequilíbrio. Por exemplo, no período do capitalismo liberal, houve um desenvolvimento sem precedentes do princípio do mercado, atrofiando o princípio da comunidade e pressionando o estado a uma ressignificação de seu papel.

Assim, o princípio de comunidade, como formulado por Rousseau, baseado na igualdade entre os homens e na organização soberana da sociedade, reduziu-se a um complexo jogo de interesses particulares organizados dentro de um conceito empobrecido de sociedade civil, manipulado pelas forças de mercado.

No domínio do princípio da emancipação, observou-se, por exemplo, a elitização da cultura, conjugada à ideia da existência e valorização de uma "cultura nacional". Também houve a conversão da ciência numa força produtiva estreitamente vinculada e a serviço do mercado.

Já no âmbito da racionalidade moral e prática, consolidou-se a microética liberal que contribuiu para a legitimação de um estado a serviço do mercado.

O projeto da modernidade entrou em colapso. A vocação maximalista dos pilares regulatório e emancipatório, bem como dos princípios e lógicas internas inviabilizou o cumprimento da totalidade de suas promessas. Ocorreu, em determinados momentos, a expansão demasiada do espaço social ocupado pelo mercado, a

maximização da racionalidade científica e, de um modo geral, o desenvolvimento exacerbado do vetor da regulação ante o vetor da emancipação. O pilar emancipatório assumiu a condição de roupagem cultural das forças de controle e heteronomia, comprometendo o equilíbrio tão almejado entre os pilares da modernidade.

Assim, os vários princípios interagindo entre si não foram capazes de cumprir com as propostas modernas que visavam, entre outros objetivos, a prosperidade social a partir do desenvolvimento da técnica, da ciência aplicada e do livre mercado. Se por um lado a ciência e a técnica avançaram, talvez, além do esperado, a contrapartida de prosperidade social e cultural não se concretizou. Avaliar se esses objetivos ainda são pertinentes e se a modernidade ainda tem condições de cumpri-los é uma tarefa árdua que necessita ser feita, para que se possa compreender a existência, configuração e, mesmo necessidade, de um novo paradigma dito pós-moderno.

A realidade revelou-se diferente destas crenças, que foram profundamente abaladas, nas últimas décadas, por crises sucessivas e graves tensões sociais. E em vez do progresso prometido aumentaram as desigualdades e privações, originando fenômenos de exclusão social de forma massificada, degradou-se a qualidade de vida, surgiram problemas ambientais que ameaçam o futuro, multiplicam-se fenômenos como o genocídio, o terrorismo e várias outras formas de opressão e de violação dos direitos humanos. Todos estes acontecimentos contribuíram para abalar a fé nas crenças que a idade moderna cultivara, desaparecendo em consequência a confiança e otimismo que as acompanhavam.

Com a crise da modernidade, muitos estudiosos se referiram à emergência de um novo paradigma de compreensão do mundo – a pós-modernidade. A perspectiva pós-moderna passou a indicar a falência das promessas modernas de liberdade, de igualdade e de progresso acessíveis a todos. A desconfiança de todo discurso unificante é o marco característico do pensamento pós-moderno. A realidade social, dentro da perspectiva pós-moderna, não existe como totalidade, mas se revela fragmentada, multifacetada, fluida e plural.

O colapso do projeto da modernidade abre margem para o aprofundamento de interpretações críticas. Deste modo, o pensamento contemporâneo sinaliza para uma transição paradigmática do programa moderno a uma cultura pós-moderna, cujos caracteres passam a ser delineados com o colapso da idade da razão.

Surgem, então, problemas de difícil solução, cada vez mais graves quando se reduz a complexidade da ordem cósmica a um modelo de racionalidade hegemônica, defendida como uma ciência pura, isolada e neutra. Privilegiam-se as ciências naturais pela sua objetividade, métodos quantitativos, conhecimento explicativo e monotécnico.

A ciência não é neutra e nem de uma objetividade absoluta. Vem sempre acompanhada ou patrocinada por interesses. Todo cientista se insere numa rede de avaliações mútuas, que se estende além de seu próprio horizonte de competência: Ele tira partido ativo dos recursos desse ambiente pra fazer prevalecer suas teses e ele esconde suas estratégias sob a máscara da objetividade (STENGERS, 2002, p.18).

A pós-modernidade, como símbolo da deslocação e da não centralidade, pode funcionar fecundamente, dando visibilidade a todos os lugares do espaço e, pela força da descentralização, retirar do poder, sob todas as formas, o lugar do discurso dominante. O estilhaçar do centro, transportado pelo pós da pós-modernidade, pode ser o anúncio da possibilidade do diálogo entre as diferenças de todos os tipos.

Na verdade, o estilhaçar do centro tem como correlato uma dupla situação positiva: por um lado, faz tomar consciência de que cada um de nós ocupa apenas uma posição dentre muitas outras e, por outro, dá legitimidade às vozes plurais, locais, em suma, à diversidade como valor. Por essa via, ele pode constituir-se como o anúncio da necessidade do diálogo entre as diferenças e originar, como consequência, rearranjos dos olhares teóricos que tornem visíveis os velhos e discriminadores paradigmas do pensar.

Esta convicção de que a valorização das diferenças enquanto tais, ao significar a derrota da arrogância da razão totalitária e imperialista, pode potencializar a configuração de uma racionalidade mais aberta e integradora, está explícita em alguns dos pensadores pós-modernos, nomeadamente, em Gianni Vattimo que o expressa em muitos dos seus textos, de que o estrato seguinte serve apenas de exemplo:

Se, afinal, falo o meu dialecto num mundo de dialectos, estarei também consciente de que ele não é a única língua, mas antes um dialecto entre muitos outros. Se professo o meu sistema de valores – religiosos, estéticos, políticos, étnicos – neste mundo de culturas plurais, terei também uma consciência aguda da historicidade, contingência, limitação de todos estes sistemas, começando pelo meu. (VATTIMO, 1994: 17-18).

Esta esperança na dinâmica racional da pós-modernidade significa manter a igual distância tanto quem é arauto da decadência absoluta do presente, como quem

nega todo o valor à razão e à ordem, como obsoletas, e correr o risco de se deixar guiar pela incerteza, pela fragilidade e pela opacidade, como sendo formas possíveis de discernimento e compreensão. É, no fundo, acreditar na produtividade do choque entre a transparência e determinação do conceito e a obscuridade e indeterminação da metáfora ou, parafraseando (RICOEUR, 1969), é ter esperança na linguagem, crendo que tudo o que nela emerge é portador de significação. Ou seja, se, pela própria expressão da pós-modernidade, esta esperança não pode ser concebida em termos de lograr alcançar qualquer tipo de vitória, uma superação total do que quer que seja, nem um lugar absoluto que se possa colocar a si mesmo como autoridade incontestável ou afirmar-se como a posição verdadeira, ela pode, contudo, radicar no valor do aperfeiçoamento de nos sensibilizarmos para as diferenças e para sermos mais capazes de suportar o incomensurável (LYOTARD, 1979).

É, portanto, necessário procurar uma racionalidade que, mantendo o seu poder discriminador e universalizado, sem o qual não há qualquer hipótese de se fazer emergir a emancipação, todavia, se defina, igualmente, como abertura ao outro de si— seja esse outro constituído pelos afetos, pelo imagético ou pela diversidade.

Nesta perspectiva, é interessante prestar atenção ao trabalho a que María Zambrano se dedicou para desenhar uma razão poética, isto é “uma razão de amor que restitui ao mundo a riqueza da sua substância” (ZAMBRANO, 1992, p.82).

A questão filosófica que Zambrano tem para resolver é a da compatibilização entre a sua concepção de realidade e os instrumentos racionais que a tradição cultural em que se insere lhe faculta para se relacionar com ela e a compreender. O conceito “zambraniano” de realidade supõe atender a três tópicos:

- i.A Realidade não é ser; não corresponde ao de ser, porque este, o conceito de ser remete para o dito e para o dizível e o de real para lá do dizível, para o inominável.
- ii.A Realidade não é transparência ou luz; a realidade não se reduz à zona de luminosidade, de transparência e de visibilidade da linguagem discursiva que a filosofia ocidental assumiu como espaço próprio, ao fazer das metáforas da luz e da visão o único sentido do conhecimento e do ser. Essa opção, no seu modo de ver, fez da prática filosófica uma atividade poderosa, segura, encantadora ao universal impassível, mas, simultaneamente, confinou-a a

uma superfície simplificadora e, de alguma maneira, exterior à dinâmica profunda, abismal, da realidade.

iii. A Realidade é dinâmica vital, orgânica e, portanto, tempo; a metáfora do coração revela que a essência da realidade para María Zambrano está centrada em dois aspectos fulcrais: interioridade e fluir. O coração representa uma interioridade generosa que se afirma pela doação: “[...] ao oferecer-se, não é para sair de si mesmo, mas sim, para fazer com que o que está fora se adentre nele”; por isso, a metáfora do coração corresponde a um processo de aproximação à realidade que aprofunda a interiorização, potencia a intimidade relacional e supõe o vaivém entre a busca e o encontro. Por outro lado, o coração como metáfora simboliza, igualmente, o ritmo vital e a sua dinâmica diferenciadora; nessa medida, o saber do coração assegura aos “objetos” com que se ocupa a sua integridade constitutiva, não querendo convertê-los em “cadáveres” formais, mas antes garantir que o seu fluir temporal, o tempo do seu acontecer e o tempo da sua transformação em sentido sejam preservados.

Lançada entre o universo de pertencer à filosofia em que - , segundo as suas próprias palavras, depois de se ter entrado jamais se poderá voltar atrás em um respeito apaixonado pela poesia - María Zambrano vive dilacerada por reconhecer cada um destes olhares sobre o real, bem como os respectivos discursos. Obtêm-se, como exemplo disso, a Escola de Frankfurt, por meio de Adorno, de Horkheimer e Martin Heidegger. Representam visões parcelares, redutoras que, por esse motivo, não podem satisfazer o ser humano em sua ânsia de saber e de ser:

(...) poesia e pensamento aparecem-nos como duas formas insuficientes; e oferecem-nos duas metades do ser humano: o filósofo e o poeta. Não se encontra o ser humano inteiro na filosofia; não se encontra a totalidade do humano na poesia. Na poesia encontramos directamente o ser humano concreto, individual. Na filosofia, o ser humano na sua história universal, no seu querer ser. A poesia é encontro, dom, coisa achada por concessão gratuita. A filosofia é busca, intimação guiada por um método. (ZAMBRANO, 1987, p. 13).

Zambrano viveu tragicamente esse dilema e todo o seu esforço teórico e reflexivo vai ao sentido de encontrar uma via racional que faça dialogar, tanto quanto tal é possível, o projeto da racionalidade filosófica e o projeto da racionalidade poética de maneira a que a realidade transpareça na sua profundidade misteriosa e na sua riqueza diferenciadora (HENRIQUES, 1998). María Zambrano, ao assumir a razão poética

como o percurso racional possível, para tratar a realidade com respeito e fidelidade, optou pela penumbra como ela mesma diz que:

Aquilo que vejo claro é que vale mais condescender perante a impossibilidade, que andar errante, perdido, nos infernos da luz. Julgue-me, pois, o eventual leitor a partir deste ângulo: preferi a obscuridade, que em tempos passados descobri como penumbra salvadora, que andar errante, só, perdido, nos infernos da luz. (ZAMBRANO, 1987:11).

Trata-se, pois, de renunciar à transparência luminosa da razão pura e decidir mover o pensar e o saber no espaço da obscuridade ou do claro-escuro, onde saber e não saber se interligam e entretecem, num processo construtivo, aberto e dialogal, embora pelo preço de serem sempre translúcidos e constitutivamente inacabados.

Esta organização mutila o conhecimento e desfigura o real. Trata-se de uma visão unidimensional e abstrata. Fechada sobre si mesma, monopolizada, julga possuir a verdade e a capacidade de explicar cientificamente a realidade.

Segundo Morin (1982), a ciência é incapaz de pensar a si mesmo de tanto crer que seu conhecimento é o reflexo do real. Este princípio elimina o observador da observação, não permitindo o sujeito introduzir-se autocriticamente e reflexivamente no seu conhecimento dos objetos.

A ciência em geral e a modernidade em particular tiveram uma relação marcadamente instrumental com a vida. Esta - preocupada e embasada na capacidade de conhecer e transformar a natureza - procurou eliminar a imprecisão, a ambiguidade e a contradição. O que até hoje foi ignorado e rejeitado vem à tona. A ideia de ordem e estabilidade do mundo demonstra como o determinismo mecanicista da modernidade separou o que serve daquilo que não serve; o estético, do útil; a cultura, da natureza; etc.

Há necessidade de reorganizar o que conhecemos por ciência. Ao desencadear uma nova concepção, uma reflexão epistemológica e diversificada sobre o conhecimento científico, Boaventura Santos cita:

Em vez da eternidade, temos a história; em vez do determinismo, a imprevisibilidade; em vez do mecanicismo, a interpenetração, a espontaneidade e a auto-organização; em vez da reversibilidade, a irreversibilidade e a evolução; em vez da ordem, a desordem; em vez da necessidade, a criatividade e o acidente (SANTOS, 2000, p.70-71).

Para Boaventura Santos (2000), o saber que não considera os outros saberes do mundo é um “conhecimento desencantado e triste”. Aquilo que é considerado como não ciência (senso comum) não possui a mesma credibilidade, por sua informalidade,

flexibilidade e possibilidade de várias leituras. Embora não seja quantitativo é real, movem os corpos, fazem agir.

As dicotomias, os dualismos, as fragmentações e as separações entre os fenômenos são sexistas, capitalistas, provisórios, às vezes precários e até mesmo contraditórios. Desta maneira “a ciência moderna existe num equilíbrio delicado, entre a relativa ignorância do objeto de conhecimento e a relativa ignorância das condições do conhecimento que pode ser obtido por ele” (SANTOS, 2000, p. 82). As leis possuem um caráter probabilístico e aproximado. Disfarçados sob a égide de sua linearidade.

Não é possível observar ou medir um determinado objeto sem interferir nele, sem o alterar. Há a interferência de particularidades humanas e de valores. Esta relação sujeito/objeto é muito mais complexa do que aparenta ser. Apresenta importantes implicações, demonstrando a interferência estrutural do sujeito no objeto observado.

Neste sentido, Santos (2000) sugere uma ruptura epistemológica, onde o conhecimento científico possa vir a se transformar num novo senso comum: ético, participativo, político e solidário. Este, por sua vez, voltado ao social. “O paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente”, propõe a sobreposição da emancipação à regulação (conhecimento-emancipação pós-moderno) e a união de causa e efeito, através da racionalidade estético-expressiva. O que até então a racionalidade científica moderna separou e apresentam-se inacabadas.

Percebemos que o paradigma atual/dominante encontra-se em crise e está a modificar-se. Diante de tantas incertezas, o conhecimento científico deve dispor de reflexividade. Contestando sua convicção e sua própria estrutura de pensamento. Esta transição em que a ciência se encontra, aponta para a emergência de um novo paradigma.

É necessário voltar o olhar às coisas simples e às perguntas simples. No entanto, as respostas não são nada simples de responder, pois “temos a tendência inconsciente em afastar de nosso espírito o que vai contradizê-lo” (MORIN, 1992, p. 85). Principalmente quando está em jogo o valor do conhecimento científico, suas contribuições para a nossa felicidade, de seu sentido para as nossas vidas.

Morin (1992) nos sensibiliza para as enormes carências de nosso pensamento. Ao fazer referência ao saber, relata que a redução do complexo ao simples leva a um pensamento simplificador, incapaz de conceber a conjunção do uno e do múltiplo. A “inteligência cega” destrói os conjuntos e as totalidades, isolando todos os objetos a sua

volta; trata-se de uma maciça e prodigiosa ignorância, uma visão unidimensional e mutiladora.

Assim, surge o grande paradoxo: sujeito e objeto são indissociáveis, mas o nosso modo de pensar exclui um pelo outro, deixando-nos livres de escolher, segundos as circunstâncias do trabalho entre o sujeito metafísico e o objeto positivista (MORIN, 1992, p. 50).

O autor traz a unidade por via de uma epistemologia aberta e uma nova ciência, integrando as realidades banidas pela ciência clássica: a inventividade e a criatividade. A imaginação, a iluminação, a criação, sem as quais o progresso das ciências não teria sido possível, só entraram na ciência às escondidas: não eram logicamente assinaláveis e eram sempre epistemologicamente, condenáveis (MORIN, 1992, p. 66).

Ao trazer à tona a discussão da complexidade do pensamento, percebemos que a complexidade não elimina a simplicidade. Trata-se de uma palavra problema e não uma palavra solução, por apresentar traços inquietantes da confusão, da desordem, da ambiguidade e incerteza. É um dado da realidade. É o real em processo, em transformação incessante.

Embora o nosso mundo comporte a harmonia, não há uma receita de equilíbrio, pois esta harmonia está ligada à desarmonia. A ordem e a desordem cooperaram na organização do universo. É parte constituinte da existência social. A própria contradição não significa necessariamente um erro, mas o atingir de uma camada profunda da realidade que, justamente por ser profunda, não pode ser traduzida para a nossa lógica. Nunca escaparemos às incertezas e jamais poderemos ter um saber total. E se um dia a tiver, “a totalidade é a não verdade” (MORIN, 1992, p. 83).

No livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, Morin (2000) apresenta o que ele mesmo chama de inspirações para o educador ou os saberes necessários a uma boa prática educacional: O pensamento complexo, complexo vem do Latim *complexus*, que quer dizer “aquilo que é tecido em conjunto”.

Na busca do verdadeiro pensamento complexo de Morin, esbarramos no entendimento de outros conceitos, entre eles, é o de operadores de complexidade:

- i. Operador dialógico que é diferente de operador dialético; envolvem o entrelaçar coisas que aparentemente estão separadas: razão/emoção; sensível/inteligível; real/imaginário; a razão e os mitos; a ciência e a arte. Trata-se da não existência de uma síntese; Tudo isto consiste o chamado *dialogizar*.

- ii. Operador recursivo; trata principalmente do fato de que sempre aprendemos que uma causa *A* produz um efeito *B*. Na recursividade a causa produz um efeito, que por sua vez produz uma causa. Ex: somos produto de uma união biológica, entre um homem e uma mulher e por nossa vez seremos geradores de outras uniões.
- iii. Operador hologramático; trata de situações em que você não consiga separar a parte do todo. A parte está no todo, assim como o todo está na parte. Esses três operadores são as bases do pensamento complexo. Em resumo temos: juntar coisas que estavam separadas; fazer circular o efeito sobre a causa; idéia de totalidade. Não dissociar a parte do todo. O todo está na parte assim como a parte está no todo.

Com esses três operadores, cria-se a noção de totalidade, mas ao mesmo tempo, criará uma concepção de que a simples soma das partes não leva a esse total. A totalidade (no pensamento complexo) é mais do que a soma das partes e simultaneamente menos que a soma das partes.

O pensamento complexo afirma também que, além disso, somos complexos, isto porque estamos inscritos numa longa ordem biológica e porque somos produtores de cultura. Logo, somos 100% natureza e 100% cultura. O conhecimento complexo não está limitado à ciência, pois há na literatura, na poesia, nas artes, um profundo conhecimento. Todas as grandes obras de arte possuem um profundo pensamento sobre a vida. Segundo o próprio Morin (2000), devemos romper com a noção de que devemos ter as artes de um lado e o pensamento científico do outro.

A base do pensamento complexo envolve relações de: ordem; desordem; interação; (re) organização, ao qual Morin denominou “Tetragrama Organizacional”. Ele afirma que é impossível o indivíduo entender o mundo da maneira como realmente é, através de um só método, teoria ou estratégia de pensamento; “A razão cartesiana impôs um paradigma, nos ensinou a separar a razão da des-razão. Temos que religar tudo o que a ciência cartesiana separou”.

1.2. O princípio Biocêntrico

Hoje é cada vez mais consensual entender que o homem constitui um ser uno com multirreferencialidade (cerebral, cultural, social, histórica, etc.). Uma ciência linear

e segmentada não poderia explicar o que é complexo. Ainda mais, as incertezas, contradições, ambiguidade e desordens passam a ser consideradas como fenômenos inerentes ao homem. O homem como questão educacional, revela-se como uma rede de articulação do diversos elementos e cada elemento se articula a outro. Quando se modifica uma parte desse elemento, modifica-se o todo, segundo o princípio holográfico.

Esta difícil busca da compreensão do ser humano, do seu mundo interior e exterior, é que tem levado diversas áreas do saber (filosofia, epistemologia, antropologia, sociologia, psicologia, ciência cognitiva e tantas outras), a se interessar pelo processo cognitivo e revelar a sua complexidade na medida em que se percebe que o mundo exterior não se separa da sua dimensão interior.

A estrutura disciplinar do conhecimento, a heterogeneidade de conceitos e processos cognitivos, uns isolados dos outros, a separação dos conteúdos das disciplinas com a vida real, a multiplicidade de linguagem, as normas instituídas e os objetos ocultos tornam a educação do homem uma tarefa verdadeiramente complexa. Analisar a complexidade requer o olhar por diferentes óticas, a leitura através de diferentes linguagens, enfim, a compreensão por diferentes sistemas de referência.

A condição de vida nos dias atuais indica a urgência de se reforçar a integridade do homem, revertendo rapidamente os instrumentos conceituais para fortalecer o ser humano.

Os parâmetros ordenados e oferecidos pelo Princípio Biocêntrico é como um caleidoscópio que nos faz despertar sentimentos, sensações e emoções que nos leva a estados tridimensionais de autorregulação, autopoiese em sincronia com o sistema auto-organizador do cosmos.

1.2.1. Princípio Biocêntrico: Origens de uma aposta enactante

O criador é sempre sua criatura. Rolando Toro, antropólogo, criador do princípio biocêntrico, também se revela, essencial e existencialmente. Criador da Biodança, sistema de desenvolvimento humano difundido mundialmente, iniciou suas atividades profissionais como professor primário.

Como educador, sentia falta do vínculo das crianças com a natureza e do desenvolvimento de intensas atividades de criatividade. Por isso levava as crianças em

excursões para propiciar contato com a natureza e estimulava diferentes formas de expressão.

Rolando Toro nasceu em 1924, em Concepción, no Chile, no seio de uma família de educadores. Em 1924, aos 18 anos, formou-se professor primário na Escola Normal José Abelardo Nuñez de Santiago, Chile. Sua carreira de professor do ensino fundamental durou dezesseis anos. Trabalhou em Talcahuano, Valpaíso, Pucuro e Santiago. Em Talcahuano se dedicou, especialmente, à vinculação das crianças a intensas tarefas de criatividade artística, especialmente com pintura. Foi em uma carta que escreveu para sua esposa Pilar em 1952, que mais tarde se transformou no registro que no futuro denominaria Biodança.

[...] Aqui a escola está muito vazia. Na próxima segunda-feira chegarão as crianças. Tive uma idéia de uma ciência rítmica que ordene musicalmente os movimentos naturais do corpo, sobretudo os atos, de modo que, sob formas nobres e espirituais, distribua o tempo, a intensidade e a força. Algo assim como provocar a musicalidade do ser (TORO, 2008, p.21).

Desde o início, Toro estava atento para uma ciência que bailasse a vida, uma ordem ainda oculta, uma ordem corporal, capaz de revelar a harmonia em profunda ressonância com o cosmos:

Creio em uma dança orgânica que responde aos modelos de movimento naturais do ser humano: movimentos capazes de incorporar a harmonia musical, gestos arquetípicos; movimentos realizados em profunda ressonância com o cosmos. Tenho buscado esta coerência e tenho encontrado. Meu propósito é colocar claramente os modelos de movimento funcionais para uma profunda conexão com a vida (TORO, 2008, p. 29).

Ao se referir a essa dança orgânica em profunda conexão com a vida, Rolando Toro revela a criação do Sistema Biodança, e onde ele próprio dizia: “Meu corpo é meu laboratório”, o criador da Biodança sinaliza para a relevância do primeiro elemento fundamental do método de investigação: a corporeidade do vividor. Dessa forma, o autor investigava a si mesmo:

Sentia às vezes em meu corpo todas as manifestações do êxtase, do erotismo, da fraternidade, da energia criadora e do ímpeto vital. Sentia a possibilidade do contato puro com a realidade viva, através do movimento, dos gestos e da expressão dos sentimentos. Sentia que a música era a linguagem universal, a única fonte de compreensão do mundo por todos, indistintamente; a dança era a forma ideal para integrar corpo e alma. A dança podia comunicar a todos os participantes a felicidade, a ternura, a força. E eu quis compartilhar isso com um grande número de pessoas (TORO, 2008, p. 22).

Dessa forma, designaria de *Biodança* a poética do encontro, uma ciência rítmica que bailasse a vida e a definiria como “um sistemas de integração humana, de

renovação orgânica, de reeducação afetiva e de reaprendizagem das funções originárias da vida” (TORO, 2008, p.39), utilizando a música, enquanto linguagem universal, e a dança, integrando corpo/alma e expressão plena do ser, em situações de encontro em grupo.

Em 1964 Rolando Toro formou-se pela Escola de Psicologia do Instituto Pedagógico da Universidade do Chile, suas revolucionárias concepções sobre a educação, centrada em novas formas de aprendizagem vivencial, a partir da afetividade e do viver, levou o Decano da Universidade de Concepción convidá-lo para proferir um ciclo de conferências na Escola de Educação naquela entidade, e logo em seguida, convidou Toro para criar um Laboratório de Psicologia na Escola de Educação da Universidade de Concepción. Assim Toro fez-se membro docente do Centro de Estudos de Antropologia Médica da Escola de Medicina da Universidade do Chile, dirigindo seminários de antropologia médica, filosofia e psicologia. Este Centro de Estudo tinha por objetivo humanizar a medicina.

Nesse mesmo período teve a seu cargo a Cátedra de Psicologia da Arte e da Expressão, no Instituto de Estética da Pontifícia Universidade Católica do Chile, e a partir daí, sua dedicação se estendeu ao ensino superior e às psicoterapias, teve o privilégio de experimentar diferentes sistemas terapêuticos com pacientes com problemas mentais.

Em 1965, tocado profundamente por um sentimento de viver o amor em um mundo que mostrava uma violência atroz, Toro fala dessa necessidade:

(...) A segunda guerra mundial mostrou que o homem pode alcançar níveis de perversidade inconcebíveis; o holocausto de milhões de milhões de pessoas sob o regime nazista, as bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, eram acontecimentos que revelavam até que ponto podia chegar a degradação da humanidade. A crise da cultura ocidental era ostensiva. Por outra parte, havia vivido experiências de amor e de êxtase em uma dimensão misteriosa e maravilhosa do mundo. Havia tido filhos, havia entrado em contato com os primeiros grupos que se ocupavam da ecologia. Diante do abismo criado pelas contradições humanas sentia o desejo de ascender ao paraíso, um paraíso que fosse compartilhado; não podia conceber uma evolução solitária (TORO, 2008, p.21).

Foi desse conjunto de experiências e sensações que surgiu o desejo de formar pequenos grupos para dançar e cantar. Movido ainda por esse sentimento deu início aos primeiros trabalhos de dança no Hospital Psiquiátrico de Santiago do Chile onde oferecia aos pacientes o método de cura não convencional: a dança.

A partir dessas vivências Toro observou que a dança e a música tinham força no tratamento dos pacientes, que algumas músicas tinham o efeito de facilitar os estados de transe, percebeu que nesses casos, os delírios e as alucinações aumentavam e podiam durar diversos dias, enquanto que doentes com uma identidade mal integrada dissociavam-se ainda mais quando faziam certos movimentos. Com essas observações selecionou uma série de músicas e de danças que podiam reforçar o sentimento da própria identidade. Propôs, também, exercícios de encontro para dar limite corporal e coesão.

O resultado foi muito positivo: muitos doentes manifestaram um melhor discernimento da realidade, diminuindo as crises de alucinações, ao mesmo tempo em que a comunicação começou a se fazer mais presente. Também verificou que pessoas não psicóticas, mas tensas, angustiadas, estressadas, com hipertensão arterial, úlcera gástrica e outras doenças psicossomáticas melhoravam sensivelmente seu estado, quando praticavam os exercícios proposto por ele, e que na época era chamado de Psicodança.

O fundamento empírico-transcendente do método científico, utilizado por Rolando Toro, foram as sessões de Biodança, onde foram convertidas em um terreno sob o qual o cientista, ao bailar, enxergava pistas e sinais que não se prestavam a formalizações abstratas, tão caras à ciência moderna. Toro se debruçava sobre as narrações que ele próprio construía, a partir da observação das sessões de Biodança. Ele era capaz de ler, nas pistas ainda silenciosas, mas em movimento, uma série coerente de eventos. Ele decifrava as pistas deixadas pelos seus alunos ao término das aulas, por isso que nos cursos e palestras Toro sempre afirmava: “o grupo de Biodança é o meu laboratório”.

As pistas, os eventos, os indícios para Rolando Toro não estavam associados a uma realidade tangível, captável, objetiva, sobre o qual se pode exercer uma ação. O grupo não era compreendido como um objeto de pesquisa, mas sim como um âmbito, ou seja, ter o grupo de Biodança como laboratório de pesquisa como âmbito, significa estar em um campo de expressão pessoal, fonte de diversas possibilidades. Seu interesse estava centrado na vida que pulsa em cada um e essa realidade não é delimitável, factível, dominável, não há como quantificar.

A noção de ciência objetiva, erguida a partir de dados quantificáveis perde seu lugar para uma ciência encarnada, epistêmica e selvagem, que transcende dos dados

observáveis. O que é sentido e expresso corporalmente não é necessariamente visto, já que inclui reações orgânicas e êxtase, e muitas vezes, são situações impossíveis de descrever com precisão matemática. Assim, as pistas, os eventos e os indícios servem como elementos metodológicos de um processo que transcende o empírico, mas que pode ser sentido pela qualidade das relações que se constroem nos grupos. Nesse sentido, o método de investigação de Rolando Toro coloca em movimento os poderes humanos para a compreensão, que ultrapassam operações lógico-dedutivas.

E desta forma o modelo teórico da Biodança, foi tomando forma, sendo desenvolvido e expandindo sua compreensão. E só na década de 70 Rolando Toro formulou o Princípio Biocêntrico como base teórica de todos os trabalhos realizados, ao longo de sua vida.

O Princípio Biocêntrico se inspira no pensamento de que o universo está organizado em função da vida. Para o autor a vida é uma condição essencial na gênese do universo, uma força que conduz, através de milhões de anos, a evolução do cosmos.

A vida não é a consequência dos processos atômicos e químicos, mas da estrutura-guia da construção do universo. As relações de transformação matéria-energia são os estados de integração da vida. A evolução do universo é, na realidade, a evolução da vida.

Rolando Toro inverte a concepção corrente: não é o universo que gera a vida; é a vida que produz o universo.

Nos últimos anos assistimos a um conjunto de descobertas científicas que, além de abalarem as nossas certezas, caminham de diferentes formas para um mesmo ponto: o reconhecimento da complexidade do universo.

Destacamos aqui teorias convergentes como a visão de um mundo 'vivo' - hipótese de Gaia - concebe os sistemas como caminhando para uma ordem e complexidade crescente. Capra (1997), em sua desafiante obra *A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*, após analisar a Hipótese de Gaia em termos de sistema vivo, experimenta ampliar seu questionamento para o Universo como um todo: "*O universo seria vivo?*".

A contribuição de Ilya Prigogine (1967) e da Teoria de Santiago, de Humberto Maturana e Francisco Varela, (1990) sobre os conceitos de Autopoiese e estruturas que se dissipam, além de David Bohm (2001) sobre a Ordem Implicada. Esses novos conhecimentos vieram a se somar reforçando a derrocada da concepção das trajetórias

deterministas e retilíneas dos sistemas mecânicos indistintamente aplicados a todos os sistemas.

Recentemente pesquisadores britânicos confirmaram a teoria de que o universo se expande a um ritmo acelerado, baseado em uma “energia escura” que ainda não foi suficientemente estudada. A questão que nos interessa é a de que não se compreende claramente a aceleração cósmica e a natureza da energia escura, porém está constatado que o universo pulsa, tem vida e é justamente essa qualidade que causa a sua expansão.

Não obstante pautar-se em princípios e descobertas realizadas no campo da biologia, da ciência da evolução, do estudo comparado das estruturas morfológicas, da teoria dos sistemas, dentre outros estudos na formulação do Princípio Biocêntrico, Rolando Toro, não procura, e nem julga necessário, justificar sua posição através de métodos baseados na lógica dedutiva, através dos citados *critérios científicos modernos* que algemam Capra. Seu enfoque é o do conhecimento que nasce da intuição e da vivência da própria vida. Ele parte corajosamente de sua *sensação intuitiva* de que o Universo é um fabuloso Sistema Vivo, o Organismo Cósmico.

Se a ciência implica em numerosos pressupostos, tanto fundamentais como instrumentais, a reflexão racional, apenas, é capaz de dar-lhe fundamento de verdade e valor; por um lado, em razão de seus próprios limites, e por outro porque esses pressupostos refletem não só, por vezes, às claras exigências do pensamento, mas também a exigências de nossa cultura, de nosso inconsciente e de nossa bioafetividade.

Acreditamos nesses pressupostos porque nos parecem racionalmente fundados e porque nossa vivência cultural, inconsciente e afetiva nos incita a aderir a eles de maneira extrarracional. Colocamos como verdadeiro não só o que pensamos ser verdadeiro, mas também o que temos vontade de acreditar verdadeiro. A convicção pessoal baseia-se, ao mesmo tempo, na evidência reflexiva de seu objeto e na vontade ou interesse de crer nele. Ora, vontade e interesse não são critérios de verdade nem normas do bem. São como vimos seres e não valores.

Portanto, a ciência, como qualquer produto humano, parece obscura, se não cega, já que seus fatores teóricos são inevitavelmente elaborados no claro-escuro de um “sistema-pessoa” em que conceito e afetos são os componentes inseparáveis do mesmo conjunto.

De acordo com Hannoun (1998), a aposta talvez seja o caminho estreito pelo qual seria possível evitar tanto o excesso de sentido conferido pela ilusão de convicção

racional que se quer definitiva como a ausência total de sentido que a atitude niilista supõe. A aposta é, ao mesmo tempo, recusa ao sentido rígido e ao não sentido vazio. É construção permanente de sentido.

Há diferentes tipos de aposta: “apostas expectantes” consistem na previsão não indubitável de um acontecimento futuro cuja afirmação ou infirmação pelo advento ou não do acontecimento contentamo-nos em esperar passivamente. Existem dois tipos de aposta expectante, ambas supõem a passividade do apostador. A primeira: a aposta por indiferença. Segundo Descartes (1963, p. 305) sobre essa aposta descreve: “Se eu sempre conhecesse com clareza o que é verdadeiro e o que é bom, nunca teria dificuldade em deliberar que juízo e que escolha fazer; e, assim, estaria inteiramente livre, sem jamais ser indiferente”. Diante dessa aposta seja qual for a escolha que fizer, não teria razão alguma para optar por um ou outro lado, estarei indiferente a ambos. A única intervenção terá consistido em um “palpite”, que mais condiz com o acaso ou com forças incontroladas de minha pessoa.

A segunda: a aposta por interesse, exemplificada por B. Pascal que diz:

Deus existe ou não existe. Mas de que lado penderemos? A razão nada pode determinar: há um caos infinito a nos separar... É preciso apostar. Isso não é voluntário, somos obrigados. Por qual optar? Como é preciso escolher, vejamos o que nos interessa menos... Vejamos o que se ganha ou o que se perde optando pela existência de Deus. (PASCAL, 1962, p. 224-5)

O texto de Pascal lembra as insuficiências da razão em determinar-se, mas conservar suas virtudes de calculista dos interesses do apostador.

No entanto, há um ponto em comum entre as duas formas de aposta: ambas supõem a passividade do apostador, que depois de apostar, se contenta em esperar a sua confirmação ou a sua infirmação. Em ambos os casos, o apostador, após, formulada a aposta, só tem de esperar o veredito dos fatos.

Então qual o sentido da aposta que somos levados a fazer no valor dos pressupostos da ciência? Na ciência, a aposta que proposta por Hubert Hannoun (1998) não é expectante, não apostamos nem por indiferença nem por cálculo. Uma aposta que implique, ao mesmo tempo, a representação de um projeto e a ação prática para sua realização. Fazemos uma “aposta enactante”, ou seja, não ficamos a espera de o veredito dos fatos confirme ou infirme a expectativa, mas agimos de tal modo que esta não seja desmentida, pois a representação e a realização são a duas faces do mesmo comportamento.

A noção de “enação”, exposta aqui, contrapõe a epistemologia binária clássica cartesiana e mecanicista à qual Varela (1989a, p.101-3), descreve fazendo duas críticas:

1ª. “O mundo é predefinido, ou seja, suas propriedades são estabelecidas previamente à atividade cognitiva. Nessa perspectiva, a noção de objeto adquire seu sentido etimológico de ‘lançado diante de nós’, fora do sujeito cognoscente. Objeto conhecido e sujeito cognoscente são seres heterogêneos”.

2ª. “Nossa cognição desse mundo predefinido ocorre a partir da representação de suas propriedades, e depois a partir de uma ação baseada nessa representação.”

O ato de conhecer, no âmbito da epistemologia clássica, insere-se, portanto, um contexto dualista que separa o sujeito cognoscente do mundo por conhecer. O dualismo cartesiano consome então o divórcio entre coisa e espírito. A solução de fato é construir o casamento entre pensamento e mundo.

A noção de enação é o processo que leva à superação do dualismo que divide a realidade em dois mundos irreconciliáveis. É o caminho como síntese de trilha e do trilhamento, de ação e concepção.

No plano epistemológico, o mundo não é um objeto predefinido cuja representação um sujeito construiria: o mundo é enactado, emerge de modo criativo do próprio ato de ser conhecido. Sujeito e objeto concorrem para definir um ser previamente indefinido. A trilha e o trilhamento do caminho geram o caminhar. Varela descreve que:

A chave da abóbada da cognição é sua faculdade de trazer à tona a significação (...). A informação não é preestabelecida como uma ordem intrínseca (...). Ela corresponde às regularidades que emergem das próprias atividades cognitivas. (VARELA, 1989a, P. 122)

O mundo que vivenciamos não é um ser que primeiro existe fora de nós e que nós depois procuramos conhecer. O mundo conhecido não preexiste ao ato pelo qual o conhecemos. Esse ato o cria como nosso objeto de conhecimento: ele emerge do encontro de nossa inteligência com o mundo. O mundo vivenciado é enactado, visto que, não se reduzindo apenas à subjetividade idealista nem apenas à objetividade empirista, emerge do próprio ato de conhecer. Não é sujeito apenas, nem objetos apenas, é sujeito-objeto, ou seja, é o casamento consumado entre inteligência e mundo.

Segundo Varela (1989a, p. 111) “Conhecimento e existência se fazem contemporâneos: co-nascer/conhecer é dar, no mesmo ato, existência aos dois termos da cognição, cognoscente-de-um-conhecido e conhecido-por-um-cognoscente, em que cada um é inconcebível e impossível sem o outro. Sua inseparabilidade faz assim inevitavelmente sua inserção no vivenciado. As faculdades cognitivas estão inextricavelmente ligadas ao histórico do que é vivenciado, da mesma maneira que uma trilha antes inexistente aparece enquanto se anda”.

Neste sentido, o Princípio Biocêntrico é uma aposta que Rolando Toro fez para organizar o seu pensamento sobre o mundo.

Para Rolando Toro, o Princípio Biocêntrico ajuda o ser humano a sentir seu tamanho diante do cosmos: sua pequenez e sua grandeza ao mesmo tempo, e o faz reverenciar e celebrar a vida’. A partir do Princípio Biocêntrico, a vida se organiza como convivência e coexistência com o divino. O sagrado não se dá em um espaço mandálico ritual. O sagrado se dá em qualquer circunstância em que vida se faz presente. “Toda a vida é sagrada”.

O Princípio Biocêntrico é “um ponto de partida para estruturar as novas percepções e as novas ciências do futuro. Prioridade ao vivente, ilusão do determinismo físico e abandono progressivo do pensamento linear, para entrar na percepção topológica e na poética da similaridade”. Neste sentido, o Princípio Biocêntrico pode ser considerado um elemento regulador de práticas científicas.

1.2.2. Qualidade Autopoiética do Universo e a Inteligência Cósmica

Baseado na conceituação acima exposta, o homem precisa compreender que é um componente de um sistema vivente maior, que suas ações são capazes de modificar esse sistema vivente e, por outro lado, ele está sujeito às modificações do sistema. A harmonia desse sistema, portanto, depende da maneira como o indivíduo se comporta consigo mesmo, com o outro e com o meio onde vive.

Nesses termos, o universo pode ser compreendido como um sistema vivo que se autoproduz. As ideias de Humberto Maturana e Francisco Varela renovaram a visão sobre o processo da vida, a partir da abordagem das neurovivências. Esta teoria, conhecida como Teoria de Santiago, tem consequências não somente para as ciências

biológicas, mas também para a Epistemologia, para o estudo da linguagem e da consciência.

O conceito de autonomia dos seres vivos está em correspondência com o conceito de autopoiese, criado por Humberto Maturana e Francisco Varela. Trata-se da capacidade de um organismo de gerar-se a si mesmo, com independência de uma determinação imposta pelo ambiente. Ao definir o conhecimento como algo biológico, estes autores afirmam que vida é conhecimento. Nesses termos, o conhecimento pertence a qualquer forma de vida, não provém de fora, realizando-se pela forma através da qual o indivíduo organiza suas relações com o externo. Nesta perspectiva, o conhecimento é compreendido como um processo de auto-organização do indivíduo, isto é, ele se realiza pela e nas relações que o indivíduo constrói com o seu entorno.

Nas palavras de Maturana e Varela:

Se uma célula interage com uma molécula X, incorporando-a a seus processos, o que ocorre como consequência dessa interação é determinado não pelas propriedades da molécula X, mas pelo modo com que essa molécula é 'vista' ou tomada pela célula quando esta a incorpora em sua dinâmica autopoietica. As mudanças que ocorrem nela como consequência dessa interação serão determinadas por sua própria estrutura como unidade celular. Portanto, na medida em que a organização autopoietica determina a fenomenologia biológica ao conceber os seres vivos como unidades autônomas, um fenômeno biológico será qualquer fenômeno que envolva a autopoiese de pelo menos um ser vivo. (MATURANA e VARELA, 1995, p.92).

Devo esclarecer que esse processo auto-organizativo não corresponde a uma mera resposta frente aos estímulos do meio. O que está colocado é que o indivíduo, frente aos estímulos, acaba por transformá-los ativamente, segundo suas próprias exigências. Desta compreensão, segue a afirmação de que o conhecimento não se organiza em função das exigências externas e sim de exigências internas, do próprio indivíduo.

Se o indivíduo, através de suas observações, introduz uma ordem no que vê - já que ele, ao olhar, reconhece semelhanças, regularidades, estabelece o que mais ou menos importante mais ou menos semelhante e regular - o processo de assimilação de uma informação não está na dependência da qualidade da assimilação, como estaria o pressuposto do processo conscientizador, mas está relacionada, sobretudo, ao modo como essa informação é "vista" pela dinâmica autopoietica do indivíduo.

Assim, a organização autopoietica tem como referência a sua identidade autoproduzida, isto é, ela se realiza primeiramente pela sua capacidade de constituir

significados próprios. Isto significa que o processo autopoietico é um processo de individualização no qual propriedades intrínsecas da autonomia dos indivíduos não captam a informação do exterior, mas acolhem o seu entorno como fenômeno interpretativo (MATURANA & VARELA, 1997, p.48).

É interessante a síntese que Assmann (1998) apresenta sob o título "tese geral sobre a auto-organização da corporeidade viva":

A forma de dizê-lo pode parecer esquisita, mas de fato nós não experimentamos o mundo tal como nos parece que o experimentamos. Aquilo que experimentamos acerca da realidade está submetido a uma espécie de artimanha ou truque da organização auto-referencial do nosso sistema nervoso. Toda ação ou reação sobre a realidade é mediada pelas estratégias do sistema vivo e auto-organizativo que somos. Ele tem lá seus motivos para 'ligar' ou desconsiderar tais ou quais níveis entre si (...). Enquanto organismo vivo, somos também um sistema perceptivo e cognitivo. Em cima do que nos advém 'de fora', construímos ativamente a nossa imagem do real. Somos criadores do 'nosso mundo', inventores do 'nosso mundo', fabuladores e sonhadores do 'nosso mundo', transformadores do mundo real porque, em primeira instância, transformadores do nosso próprio 'mundo interno' mediante uma fantástica evolução intraorganísmica. Nossos órgãos, e assim também nosso cérebro/mente, são órgãos evolutivos, cuja lei suprema é a adaptabilidade. Não há no mundo para nós a não ser mediante a 'nossa leitura' do mundo, corporalizada no sistema auto-organizativo que somos (ASSMANN, 1998, p.61).

Esta questão é fundamental porque desloca o eixo das nossas preocupações quando a referência é a busca pela autonomia do indivíduo: nenhum organismo está interessado em saber se o seu conhecimento corresponde ou não à verdade. Esta não é uma questão relevante para a sua sobrevivência. Tem-se como desafio, não mais pensar na apropriação de conteúdos reveladores de uma verdade única e universal; trata-se de colocar como pressuposto a pluralidade de ideias, a multiplicidade de verdades construídas individual e coletivamente.

Maturana e Varela (1995) mantêm-se dentro do quadro biológico plausível e suscetível de considerações explícitas. "A interação cognitiva do indivíduo com seu ambiente é inteligente", afirmam os autores da Teoria de Santiago, isto ocorre porque o sistema vivo se autoproduz. Para Rolando Toro, esta inteligência, não é apenas atributo autopoietico; para ele o sistema autopoietico é cognitivo no mesmo sentido que o cosmos é cognitivo. O cosmos não é uma entidade abstrata, todos nós estamos implicados nesta totalidade.

Quando Rolando Toro afirma que a vida produz o universo está afirmando também que existe uma inteligência criadora: "o cosmos está vivo e é inteligente". Os seres vivos participam de uma inteligência global. O fluxo organizador da vida cósmica

se canaliza, talvez, em certas estruturas presumíveis, as quais se põem em marcha gerando estruturas autopoieticas simples que são capazes de autoconservação, diferenciação e reprodução.

A questão que Rolando Toro introduz é: qual é o mecanismo através do qual o psiquismo cósmico ativo esquemas autopoieticos capazes de conservar-se e reproduzir-se?

É evidente que, em um momento dado da gênese de um organismo, este adquire a total autonomia de seu desenvolvimento. Mas, no ato inicial, quando se criam as condições essenciais para a vida, deve intervir uma ação cósmica (cognitiva) que põe em andamento o processo.

Para Rolando Toro (1996) existe, na cognição cósmica, um caminho para criar, nas zonas dissipativas do caos, os primeiros movimentos de vida. De acordo com o autor, a energia de vida é uma só, comum para as plantas, os animais e os homens. Estamos contidos em um caldo cósmico de vida. A energia da vida circula em nós e na natureza como um fluxo. Nós, os seres humanos, bloqueamos este fluxo, tratamos de permanecer isolados, mas, na realidade, estamos vinculados por uma súbita inteligência telepática cuja natureza é o amor e à qual podemos nos abrir ou nos fechar.

Não é difícil descobrir na perfeita organização dos seres vivos - plantas ou animais - uma determinação genética que segue rigorosamente o programa morfogenético e fisiogenético; uma determinação que não depende do comportamento nem da intencionalidade.

Existe uma coerência perfeita entre a estrutura do universo e a estrutura dos seres vivos. O Homem existe, porque existe o universo e o universo existe, porque existe a vida. Somos feitos pelo cosmos. Em uma das passagens do filme de Giordano Bruno (1973), nos fala dessa correspondência entre o mundo animal, vegetal e humano: “Pensa o leite. E quem faz o leite? A vaca. E o que come a vaca? Grama. Prado, nuvem, chuva, céu, astros, universo, Deus – se assim quiserem. Universo, astros, céu, nuvem, chuva, prado, grama, vaca, leite. Uma imagem viva de Deus – se assim quiserem”.

Assim, a partir do Princípio Biocêntrico, podemos conceber o universo como um gigantesco holograma vivo. Nas palavras de Rolando, "o Universo existe porque existe a Vida, e não o contrário, e as relações de transformação matéria-energia são níveis de integração da Vida". Para ele, “a vida não se limitaria ao resultado de processos

químicos e energéticos, mas resultaria de um programa "implicado" que guiaria a construção do Universo".

Em suma o Princípio Biocêntrico nos revela uma conceituação multidimensional do homem: o homem é um ser biológico, é, ao mesmo tempo, um ser evidentemente cultural, meta-biológico e que vive em um universo de linguagem, de ideias e de consciência.

1.2.3. A Noética do Cosmos

Cosmos e Universo são palavras que nasceram em culturas diferentes e são sinônimos. Mas Cosmos vem dos antigos Gregos e Universo vem do latim dos povos Romanos. São substantivos que já definiram o "céu" e até mesmo o firmamento. Algumas culturas tinham o Universo restrito a abóbadas; outras já o consideravam desde o centro da Terra; outras o dividiram entre "o céu" e "terra". Mas em todo caso o Cosmos ou Universo que foi sensível aos Gregos e aos Romanos é o mesmo que é sensível a nós. O importante é o que essas culturas tentaram entender é o mesmo que nós continuamos tentando entender: "O Todo". Enfim, o Cosmos é a totalidade de todas as coisas deste universo ordenado, desde as estrelas, até as partículas subatômicas, do microcosmo ao macrocosmo, assim define o astrônomo Carl Sagan: "O Cosmos é tudo o que já foi, tudo o que é e tudo que será".

O elemento noético foi absorvido a partir da definição clássica, pela doutrina Judaica que justificava sua tese no que consta no *Gênesis*, acreditava que o Cosmos noético não é nada mais que o *Logos* de *Deus*. Daí o conceito noético passou para os filósofos cristãos que tinham noética como referencial do mundo espiritual, ontologicamente superior ao mundo dos humanos. Então do ponto de vista da ciência a noética são os fenômenos subjetivos da consciência, da mente, do espírito e da vida, em linhas gerais, como conceito filosófico, define a dimensão espiritual do homem.

Na tradição ocidental, a noética foi fortemente influenciada pelas teorias dos filósofos da Grécia Antiga a respeito da consciência, do conhecimento do eu. Aristóteles dizia que o *nous* (do grego: *mente*) compreende tanto a capacidade humana de questionamento acerca do fundamento do ser, como esse próprio fundamento, que é experienciado como o motor orientador das questões: "*Acentuemos que toda a substância vem a ser a partir de algo com o mesmo nome*". Da parte do *nous* humano,

o conhecimento questionante, isto é, o ato noético, é a compreensão da sua participação no fundamento do ser, possível em virtude da participação do *nous* divino no *nous* humano, sendo a *noesis* a capacidade perceptiva ou cognoscente do homem que o distingue dos animais.

Para Aristóteles a experiência noética é aquela que transforma o Cosmos primordial - onde todas as coisas são consubstanciadas numa unidade transcendente - no fundamento do ser e no mundo objetivo, múltiplo e diferenciado. Tanto para Platão como para Aristóteles, *nous* expressava a irrupção do divino no processo da busca pelo conhecimento.

Distante de formulações de caráter religioso e atento à unidade do universo, David Bohm (1992) expõe a sua tese de que o universo existe em uma totalidade implicada. Bohm foi considerado um dos teóricos mais influentes da física moderna, distante de formulações de caráter religioso e atento à unidade do universo. Ele expõe sua tese em seu primeiro livro “Casualidade e Acaso na Física Moderna” (1957), que se tornou um clássico no campo da mecânica quântica e é utilizado em universidades de todo o mundo.

Pesquisando a natureza da consciência, devido aos problemas que encontrou na mecânica quântica, Bohm descobriu Krishnamurti, o grande filósofo hindu, com quem teve uma forte amizade. Juntos, promoveram palestras e debates sobre assuntos importantes os quais depois foram publicados em livros.

A exemplo de Fritz Kunz - pioneiro do movimento que procurava reconciliar ciência e misticismo - David Bohm é um dos pouquíssimos cientistas que, por intermédio da ciência, percebeu um universo de verdade, beleza, significação e até bondade, tornando essa percepção convincentemente viva para os demais.

A sua teoria da Ordem Implícita emergiu dos estudos do cientista sobre as variáveis ocultas e a interpretação superficial da mecânica quântica – “propondo que uma ordem oculta atua com aparente caos e falta de continuidade das partículas individuais de matéria descritas pela mecânica quântica”.

Em termos de síntese, a ideia básica da ordem implícita e em geral, a totalidade da ordem abrangente é a de que ela não pode se tornar manifesta para nós; somente certo aspecto dela se manifesta. Quando trazemos essa ordem abrangente para o aspecto manifesto, temos uma experiência de percepção. Mas isso não quer dizer que a totalidade da ordem seja apenas aquilo que se manifesta. Na visão cartesiana, a

totalidade da ordem, pelo menos potencialmente, é manifesta, embora não saibamos como manifesta-la por nós mesmos. Precisaríamos de microscópios, telescópios e outros instrumentos mais.

A sugestão básica da teoria de Bohm, de início, é a de que vivemos num mundo multidimensional e a nossa moradia está situada no nível o mais óbvio e superficial: o mundo tridimensional dos objetos, espaço-tempo, ou seja, na Ordem Explícita. Neste nível, Bohm explica que:

A matéria é de graduação densa e embora possa ser descrita em relação a si mesma, não é a maneira de explica-la e entende-la com clareza. Infelizmente, nesse nível, é que muitos físicos trabalham hoje em dia, apresentando suas descobertas na forma de equação de significado obscuro (BOHM, 1992).

Bohm chama a atenção para a questão do holomovimento. Segundo Bohm, o holomovimento está situado na esfera do que é manifesto. O movimento básico do holomovimento é o recolhimento e o desdobramento. “Afirmo que toda a existência é, basicamente, um holomovimento que se manifesta numa forma relativa ente estável”.

Bohm explica que o fluxo está, pelo menos, numa condição de equilíbrio:

Fechando-se como vórtice que se fecha sobre si mesmo, embora continue a mover-se. (...) Digamos que são formas mais estáveis de matéria. Veja, até a nuvem conserva uma forma estável, de modo a ser vista como uma manifestação do movimento do vento. Da mesma maneira, a matéria como que formaria nuvens no interior do holomovimento e elas manifestariam o holomovimento aos nossos sentidos e pensamentos comuns (BOHM, 1992).

Todas as entidades em nós mesmos, com todas as nossas faculdades, somos formas do holomovimento. Também as células, os átomos. E tudo isso começa a favorecer a compreensão da mecânica quântica: esse desdobramento constitui uma ideia direta do que é entendido pela matemática da mecânica quântica. Estamos falando precisamente sobre o que é chamado de transformação unitária ou descrição matemática básica do movimento na mecânica quântica. Trata-se simplesmente da descrição matemática do holomovimento.

Bohm defende a ideia de que o universo pode representar algum estágio de um universo maior, um universo de luz. Até onde podemos perceber esse universo de luz é eterno. Entretanto, a certa altura, alguns desses raios luminosos se juntaram e produziram a grande explosão – o Big-Bang. Isso desencadeou o nosso universo, que possivelmente também terá um fim.

O cientista especifica onde está situado este universo luminoso – além do tempo – o que pode significar que existam outros universos além do nosso, com várias idades,

várias eternidades, e necessariamente, não serão sucessivos. Descartes, na física, vê o movimento como sendo uma entidade ou qualquer coisa que se mova de um ponto a outro. O holomovimento de Bohm não concorda com o pensamento cartesiano, o seu holomovimento é manifestação e não manifestação. Nele, a ordem implícita se torna manifesta e não manifesta e assim por diante.

1.2.4. Sentimentos vitais

O Princípio Biocêntrico tem como referência imediata a vida e se inspira nas leis universais que conservam os sistemas vivos e que tornam possível sua evolução. Estabelece um modo de sentir e de pensar que toma como referência existencial a vivência. Ele surge, assim, de uma proposta anterior à cultura e se nutre das informações que temos sobre os seres vivos.

Tal proposta pode parecer surpreendente, já que somos habituados ao uso da lógica dedutiva: isto é, somos avessos a tirar conclusões pré-estabelecidas de certos fatos. O método usado, ao invés, não é preestabelecido: ele parte do fato inquestionável da existência da vida “aqui e agora” para interrogar-se sobre a origem do cosmos.

Estas considerações nos permitem refletir sobre os parâmetros da vida cósmica na qual refletem os parâmetros do nosso estilo de vida. Em outros termos, os nossos comportamentos se organizam como expressão de vida e não como meios de alcançar fins externos, políticos ou socioeconômicos. Eles se desenvolvem para criar mais vida dentro da vida. E é este estilo de sentir, pensar e agir, que toma como referência a vida como centro, e não o ser humano.

Um sistema vivo possui uma ordem orgânica perfeitamente programada e que se transforma a todo o momento, não como uma máquina computadorizada, mas como um holograma vivo cujas mudanças abarcam a totalidade.

O Princípio Biocêntrico, a autopoiese, a Ordem Implicada são elementos constituintes das pessoas, unidades vivas do cosmos. Para alcançar um entendimento sobre a complexidade cósmica do ser humano, Rolando Toro criou o conceito de Inconsciente Vital. A princípio, podemos distinguir três níveis do inconsciente: o pessoal, o coletivo e o vital.

O inconsciente pessoal, descrito por Freud (1940), possui uma dimensão biográfica; nutre-se da memória dos fatos vividos em especial durante a infância; gera-

se no encontro das tendências genéticas com os ecofatores que estimulam ou inibem os potenciais.

Os acessos ao *inconsciente pessoal* são: a interpretação dos sonhos (a *via régia*, segundo Freud (1940), para se conhecer o inconsciente); a técnica de associação livre; a análise dos mecanismos de defesa do eu; a anamnese, em especial a história sexual.

O inconsciente coletivo, descrito por Jung (1939); nutre-se da memória da espécie; estuda os arquétipos que são comuns à humanidade; seu objetivo é a revelação do “self” (o si mesmo), o processo de individuação. Os modos de acesso ao inconsciente coletivo são: o estudo dos símbolos de transformação; os arquétipos que conduzem ao processo de individuação (self); a expressão do inconsciente através da pintura, poesia ou relatórios; os sonhos dirigidos (sem interpretação); cerimônias e trabalhos com os mitos.

O conceito de Inconsciente Vital, proposto por Rolando Toro, se expressa através do humor endógeno, do bem-estar cenestésico e do estado global de saúde. Os meios de acesso ao inconsciente vital são carícias e erotismo; jogos (humor e riso); alimentação; vínculo com a natureza; êxtase cósmico; regressão através do transe de suspensão; mediunidade para identificar-se através da dança com a música; massagem não dirigida à musculatura, mas às sensações cenestésicas; *Biodanza*; despertar dos instintos por meio de danças primitivas.

Os três níveis do inconsciente se comunicam entre si através de umbrais de transição. Entre o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo se estabelecem os processos que vão da história pessoal até o arquétipo. Entre o inconsciente coletivo e o inconsciente vital se estabelecem os processos que vão do arquétipo aos sistemas de integração biológica mediante danças de integração.

O Inconsciente Vital se nutre da memória cósmica e organiza a matéria (cadeias proteicas, sistemas orgânicos) com base em uma programação presuntiva que pode ou não gerar sistemas orgânicos estáveis. Os padrões de auto-organização que geram sistemas vivos capazes de reproduzir-se são bastante estáveis.

O Inconsciente Vital gera as afinidades, instintos, vivência, estados de humor, sensações corporais, tudo aquilo que surge sem participação do pensamento, compreendendo dessa forma que a via de acesso ao Inconsciente Vital não é aquela das imagens mentais, pensamentos associados, lembranças ou indução de processos transferenciais. A via de acesso ao Inconsciente Vital é a vivência capaz de mudar o

humor endógeno. Condição esta que permite uma ação muito eficaz na camada mais profunda do sistema vivo humano. Através das vivências se inicia uma aventura cósmica em que se navega, com rumo desconhecido, a formas de vidas “otimizadas”.

As vivências podem ser externas (o corpo aqui está fora do psíquico, por isso classificamos de vivências externas), mas existem também as vivências internas, representadas pelos conteúdos ou acontecimentos mentais. Entretanto, seja qual for a natureza da vivência, externa ou interna, ela só participa da consciência se acoplada aos sentimentos vitais, que permite sentir a vida em seu incremento de energia, uma poética de sensações orgânicas.

O primeiro que utilizou o conceito de *sentimentos vitais* foi Hoffding (1893), no sentido de um caráter próprio da sinestesia (sensação vital) em que cada uma das sensações particulares que entram na sua composição não é localizada com tanta precisão e não aparecem como uma qualidade tão marcada como as demais espécies de sensações.

A descrição de Hoffding é de uma grande precisão ao indicar o caráter difuso dos “sentimentos vitais” que se estendem por todo o corpo e não em uma determinada região. Nas palavras de Hoffding:

De ordinário não são mais que elementos de um sentimento geral de nossa vida. Eis aqui porque chamamos a este sentimento unido às sensações gerais de **sentimento vital**. A composição, quantidade e distribuição do sangue, a rapidez da circulação, as secreções mais ou menos abundantes das glândulas, o relaxamento ou contração dos músculos não submetidos à vontade (em especial os vasculares) e daqueles submetidos a esta vontade, a rapidez ou dificuldade da respiração, o curso normal ou anormal da digestão, todos influem a cada vez sem que nenhum dos fatores enumerados necessite entrar em ação isoladamente. (HOFFDING, 1893)

As manifestações dos sentimentos vitais: humor endógeno e intracampo são manifestações de algo muito mais profundo ainda que abarque o psiquismo celular, as funções de auto-organização e a homeostase, todos constituindo o sistema central de organização da vida cujo contexto é autônomo e inconsciente.

Esses sentimentos vitais têm aspectos cenestésicos vivenciais do sentir-se vivo e essa experiência vivida é uma realidade fenomenologicamente vivenciada no corpo. Esta perspectiva inspirada na fenomenologia de Merleau-Ponty (1994) reconhece que a cultura científica ocidental requer que tomemos os nossos corpos simultaneamente como estruturas físicas e com estruturas físicas e como estruturas experienciais vividas – em suma, tanto como externos e como internos, biológicos e fenomenológicos.

Ressalta-se ainda que o eixo fundamental que articula essas duas estruturas corporais é a corporeidade, que por sua vez assume este duplo sentido: acompanha o corpo como uma estrutura experiencial vivida e também como o contexto ou o meio de mecanismos cognitivos. A corporeidade guarda três dimensões que mantêm uma relação indissociável e complexa: a) fisiológicos (físico), b) psicológicos (emocional afetiva) e c) espirituais (mental-espiritual sendo o universo físico, o universo da vida e o universo antropossocial).

Os sentimentos vitais nos dão além de informações de nossa corporeidade, nos dá também acesso as camadas de vitalidade que não dependem em nada do que ocorre ao nosso redor possibilitando acessar o nosso inconsciente vital. O conceito de inconsciente vital foi proposto por Rolando Toro para referir-se ao psiquismo celular.

Para o autor, existe uma forma de psiquismo dos órgãos, tecidos e células que obedece a um “sentido” global de auto-conservação. O inconsciente vital dá origem a fenômenos de solidariedade celular, modificação de tecidos, defesa imunológica e, em suma, ao acontecer exitoso do sistema vivo. Este “psiquismo” coordena as funções de regulação orgânica e homeostase; possui uma grande autonomia em relação à consciência e ao comportamento intencional humano (TORO, 1991).

O inconsciente vital é um psiquismo que cria regularidades e tende a manter as funções estáveis. As manifestações do inconsciente vital no cenário da consciência cotidiana são: o humor endógeno e o estado cenestésico de bem-estar ou mal-estar (eutoforia).

A importância do conceito de inconsciente vital provém da possibilidade de intervir na fisiogênese de nossa existência com objetivos de saúde. O conceito de inconsciente vital permite compreender em profundidade o Princípio Biocêntrico como “tendência” cósmica que gera vida.

O inconsciente vital está em sintonia com a essência viva do universo. Quando esta sintonia se perturba, se inicia a enfermidade. O ato de cura será compreendido, então, como um movimento para recuperar esta sintonia vital com o universo.

Os sentimentos vitais estão intimamente enlaçados com os sentimentos sensoriais, até o ponto em que - assim como estabelecemos um grupo intermediário, entre os que são puras percepções e o que começa a entrar na descrição dos sentimentos, - também poderíamos estabelecer um grupo intermediário entre os sentimentos sensoriais e os sentimentos vitais; por exemplo, na fome e na sede. Ao falarmos em fome e sede como

instintos do plano vivencial podem-se distinguir dois componentes: um local e outro geral. O componente geral faz referência à presença de um sentimento vital.

Para Leibniz (1979), em nosso espírito se opera uma soma de todas as percepções individuais que emanam de nossa corporeidade, isto é, de como funcionam nossos vasos, de como se move nossos músculos, etc.; cada setor enviaria uma percepção, e esta se integraria em um conjunto sobre o qual chama a atenção. A este conjunto se chama de cinestesia, e o problema fundamental consiste em saber se essa sensibilidade geral interna, realmente corresponde a uma agregação de uma série de percepções isoladas e elementares emanando de todos os distritos de nossa corporeidade ou se é uma percepção primária, uma espécie de sensação global. Essa concepção é paralela àquela que estabelece que o pensamento curse por associações e que toda a vida psíquica brota de um conglomerado ou de uma associação de elementos. A autonomia dos sentimentos vitais se acha intimamente enlaçada com a autonomia da vida.

Os sentimentos vitais são provocados por um impulso que produz circuito que é registrado pelo sujeito. Um dos circuitos compreende a percepção, a representação, a nova tomada da representação e a sensação interna em geral. Outro circuito nos mostra o percurso de impulsos que terminam nas ações lançadas para o mundo externo, das quais o sujeito tem também sensação interna. Em outras palavras, todo impulso ocorre no intracorpo ou no exterior do corpo, produzindo registros de distintas localizações no espaço de representação, podemos dizer então, que os impulsos do intracorpo se localizam no limite tátil-cenestésico para “dentro”, e os impulsos que terminam em ações no mundo externo se registram no limite tátil-sinestésico para “fora do corpo”.

Qualquer que seja a direção do impulso que necessariamente conta com um correlato de informação ou sensação interna, sempre modificará o estado geral do circuito. Com respeito a esta aptidão transformadora dos impulsos, podemos considerar dois tipos: 1) aqueles capazes de liberar tensões ou provocar descarga de energia psicofísica, aos que chamaremos "catárticos" e 2) os que permitem transladar cargas internas, integrar conteúdos e ampliar as possibilidades de desenvolvimento da energia psicofísica, aos que chamaremos "transferenciais". Portanto, todo impulso, independentemente de sua direção, terá uma aptidão predominantemente catártica ou transferencial. Além disso, em todo impulso existirá uma cota de gratificação ou mal-estar, de agrado ou desagrado, que permitirá ao sujeito selecionar seus atos de consciência ou suas ações corporais.

Chamamos "consciência" ao aparelho que coordena e estrutura as sensações, as imagens e as lembranças do psiquismo humano. Por outro lado, não se pode localizar a consciência em um lugar preciso do sistema nervoso central, ou em algum ponto e profundidade cortical ou subcortical. Frequentemente se confunde a consciência com o "eu" quando na realidade este não tem uma base corporal como ocorre com aquela a qual se pode localizar como "aparelho" registrador e coordenador do psiquismo humano.

Deste modo, a inserção do psíquico na espacialidade externa começa pelos impulsos que, convertidos em protensões de imagens cinestésicas, deslocam-se para o exterior da tridimensionalidade do espaço de representação movendo ao corpo. É claro que as imagens cenestésicas e as correspondentes aos sentidos externos atuam de modo auxiliar (como "sinais compostos"), em todo fenômeno no qual vai se selecionando e regulando a direção e intensidade motriz. Definitivamente, nesse fluir de impulsos relativos ao tempo e ao espaço de consciência, ocorrem os primeiros eventos que terminarão modificando ao mundo.

Observamos que os objetos materiais se apresentam como espacialidade à captação "tátil" dos sentidos externos que diferenciam o corpúsculo, a onda, a molécula, a pressão, a térmica, etc. Dizemos que estas "impressões", ou impulsos externos ao psiquismo, colocam em marcha um sistema de interpretação e resposta que não pode funcionar a não ser em um espaço interno. Estamos afirmando do modo mais amplo que por variação de impulsos entre "espaços", o psiquismo é penetrado e penetra ao mundo. Não estamos falando de circuitos fechados entre estímulos e respostas, mas sim de um sistema aberto e crescente, que capta e atua por acumulação e protensão temporal.

Os diferentes modos de estar o ser humano no mundo, as diferentes posições de seu experimentar e fazer, respondem a estruturas completas de sensações sentidas no intracampo, captada no seu inconsciente vital e vivida na corporeidade do presente em sua dimensão transcendental. E tudo isso Toro classificou de Principio Biocêntrico, a fonte originária dos impulsos de vida, o princípio que gera vida dentro da vida se autoproduzindo regido pelo fenômeno de unidade cósmica.

2. PRINCÍPIO BIOCÊNTRICO E EDUCAÇÃO

Este capítulo pretende desenvolver uma reflexão sobre os desdobramentos do Princípio Biocêntrico para a prática educativa, ao revisitar o conceito e as principais características da educação, procurando identificar novas possibilidades de conceituação e/ou novas formas de caracterização.

O desenvolvimento humano não está pautado somente em aspectos cognitivos, mas também e, principalmente, em aspectos afetivos. O afeto apresenta várias dimensões, incluindo os sentimentos subjetivos, e desenvolve no mesmo sentido que a cognição e a inteligência e, é responsável pela ativação intelectual. O afeto é o princípio norteador da autoestima, é a linha que possibilita a identificação com as outras pessoas, é a fonte do processo empático. Ao se desenvolver o vínculo afetivo, a aprendizagem, a motivação e a disciplina tornam-se conquistas significativas.

Para Rolando Toro, a “afetividade é um estado de afinidade profunda entre pessoas, capaz de produzir sentimentos de amor, amizade, altruísmo, maternidade, paternidade e companheirismo” (TORO, 1991, p. 29). São os sentimentos nutridos pela afetividade que permitem a nossa identificação com as outras pessoas: assim somos capazes de amar, de cuidar, compreender e de proteger.

É importante destacar que, diferente de outras vivências em que predominam estados passageiros “aqui e agora”, Rolando Toro define afetividade como um processo mais complexo, com uma duração no tempo maior, incluindo processos conscientes e representações simbólicas. É a afetividade que determina a evolução completa do ser humano, desde a etapa intrauterina até a maturidade. Nascemos com o potencial genético da afetividade e ela tem a sua expressão maior no amor.

Rolando Toro afirma que a inteligência tem sua base estrutural na afetividade e esta está intimamente ligada à identidade, o mesmo diz ainda, que os fatores estruturais que a determinam podem ser definidos em: identidade; nível de consciência; nível de comunicação; cofatores e antecedentes biográficos (TORO, 1991).

Sendo assim, a afetividade é expressão da identidade e está ligada ao processo evolutivo da espécie, e não está necessariamente unida à sensibilidade ou à inteligência. Dessa forma, a afetividade é a base teórica de nossa concepção que gera sentimentos de amor à humanidade, expresso em ações solidárias de amizade e altruísmo.

2.1 A anterioridade das emoções

A palavra emoção vem do latim *e-movere*, que quer dizer mover-se a partir de dentro. Não há dúvida de que ela é uma força que nos motiva, que nos faz agir. Mas essa força não é nem irracional nem inferior, como muita gente pensa, nem tampouco razão e emoção são inimigos naturais.

A emoção nos move e quanto mais acumulada ela estiver, mais forte será o impulso para a ação. Ao atingir determinado ponto (que pode variar de pessoa a pessoa, mas é inerente a todos os seres humanos), essa emoção pode atingir extremos diante atos impulsivos e descontrolados levando a uma ação socialmente inadequada. Ao contrário, se a emoção se manifesta numa intensidade proporcional à exigência da situação, podemos dizer que a pessoa está no controle de seus atos. Mas é muito importante não confundir controle de ação com controle de emoção.

Às vezes presenciamos uma pessoa agir de forma agressiva, demonstrando muita raiva, e afirmamos que essa emoção que a pessoa está sentindo é maléfica, pois a pessoa está agindo desequilibradamente. Contudo não foi apenas a raiva que levou essa pessoa a agir assim. A pessoa pode sentir raiva, aceitar essa raiva como parte de sua natureza e expressá-la sem necessariamente agir de forma destrutiva, pode também sentir medo e fazer o que deve fazer, apesar do medo. O mesmo se aplica a qualquer outra emoção.

Nascemos preparados tanto para lutar contra as limitações e superar obstáculos, quanto para suportar todo tipo de frustração e dor que a vida em seus inesperados acontecimentos que possa apresentar.

Quando somos colocados diante de situações que nos deixa imobilizados, que nos sentimos impotentes: agonia, êxtase, a emoção é requisitada em sua plenitude. É a emoção o modo de ser que a natureza nos oferece para esses momentos extremos. Expressões de raiva, irritabilidade, tristeza, choro, são expressões que são usadas numa tentativa de suportar as frustrações, e resolver o problema. Depois de ter sentido e expressado tanta quanto precise, de acordo com sua natureza e não de acordo com o que os outros podem achar que é o bastante, a emoção vai passar e a pessoa voltará a ficar bem de novo. A repetição de situações semelhantes a essa fará com que a pessoa vá aprendendo a lidar com seu sistema emocional.

A maioria dos adultos não consegue suportar a expressão emocional livre e mantém-se um círculo vicioso sufocando sua própria emoção, perturbando dessa forma

seus núcleos psicológicos. Exatamente por sofrerem essa interferência de contenção exigida, a si mesmo imposta, entrarão em processo de desequilíbrios, expressados através do corpo físico e do corpo emocional levando a modificações bioquímicas e psicológicas.

Greenberg e Safran (1987), a partir de uma extensa revisão das diversas teorias e dados empíricos sobre as emoções, fazem uma classificação e distinção entre emoção primária, secundária e instrumental.

Emoções primárias, segundo estes autores, “são aquelas que os terapeutas se referem como sentimentos autênticos ou reais”. São respostas adaptativas a situações específicas como: raiva, o amor, a tristeza, o medo, entre outras, são emoções primárias, que são trabalhadas na terapia para facilitar no processo de mudança e crescimento psicológico.

Emoções secundárias é uma resposta a uma emoção primária. Por exemplo: uma pessoa pode sentir e expressar raiva imediatamente após ter percebido em si um início de medo (se o medo para essa pessoa for uma desonra). Ou ao contrário, pode expressar medo quando sente raiva. Emoções instrumentais são padrões de comportamentos emocionais que a pessoa aprende a usar para influenciar ou manipular os outros.

Toda emoção, mesmo quando desequilibrada, é equilibradora. No nível físico, existe uma tendência natural e constante do organismo para um estado de equilíbrio e de bem-estar. Essa tendência é responsável pelo fato de, quando corremos, o coração bate aceleradamente, porque os músculos passam a pedir mais sangue. Também a respiração fica mais ofegante exigindo mais oxigênio aos pulmões que abrem e fecham numa operante contração. São inúmeros os exemplos dessa tendência autônoma e constante do corpo em direção a um estado de equilíbrio orgânico. E essa capacidade da vida orgânica, de manter a constância de seu ritmo interno, de manter em equilíbrio vivo o ambiente dentro da pele é chamada de “homeostase”.

A emoção é uma mudança do estado interior, é um “reordenamento homeostático” temporário que tem como objetivo preparar e motivar o organismo para que ele lide adequadamente com a nova situação. Depois de realizada a ação adequada requerida e depois expressada a emoção, o organismo retorna por si próprio ao estado anterior de equilíbrio. E este sistema organizado funciona integrado em sincronicidade com os sentimentos e emoções como manifestação complexa dessa propriedade geral da vida.

Existe o momento de alegria e o momento de dor, a hora da raiva e a hora do amor. Reconhecer esse momento e ser capaz de aceitá-lo constitui a base do equilíbrio emocional e do bem-estar psíquico. Portanto, é importante dizer que para “se sentir bem” é preciso pensar bem e para pensar bem é preciso se sentir bem.

Os princípios da lógica determina “como” pensar corretamente, mas é a emoção que geralmente determina “em que pensar”. De fato, pensamento e emoção estão inextricavelmente unidos na maioria das experiências humanas desde o início e no fim.

Nesses termos, não se pode conceber um modelo da vida humana exilado do processo de gênese da vida e de sua evolução filo e ontogenética, do qual Rolando Toro, denominou de modelo do “Homem Cósmico”. Para compreender o fenômeno da vida como um acontecimento cósmico é necessário compreender que todos os seres vivos possuem elementos e características fundamentais comuns, que através do ácido desoxirribonucléico/DNA, potencial humano individual que se expressa em cinco conjuntos, os quais se manifestam mediante cinco “linhas de vivência” que se potencializam reciprocamente e que representa o processo de integração que dura a vida toda.

Segundo Rolando Toro,

Criatividade é uma atividade que forma parte integrante da transformação cósmica. Um caminho do caos à ordem. No ser humano se manifesta como impulso de inovação frente à realidade. A atividade criativa organiza uma linguagem única a partir da vivência. A obra de criação é sempre o expressivo resultado do ato de viver. Se o ato de viver é uma manifestação sutil do portentoso movimento de um universo biologicamente organizado e em permanente “criação atual”, a criatividade humana poderia ser considerada como uma extensão destas mesmas forças biocósmicas expressas através de cada indivíduo. Nós somos a mensagem, a criatura e o criador ao mesmo tempo. (TORO, 2006:45).

A estratégia de transformação social muda a partir do Princípio Biocêntrico: os parâmetros da vida cósmica refletem os parâmetros do nosso estilo de vida. Em outros termos, os nossos comportamentos se organizam como expressão da vida, e não como meios de alcançar fins externos, políticos ou socioeconômicos. Eles se desenvolvem para criar mais vida dentro da vida. Se as instituições sociais e culturais são adversas, podem ser transformadas não com a ajuda de ideologias e de ações políticas, mas estabelecendo-se, a cada instante, em nossa existência, as condições pelas quais ela seja protegida. A partir do momento em que se presume que a vida não provenha de um processo bioquímico da matéria inanimada, ma

s que a matéria, aparentemente inanimada, se organiza como resultado de um sistema vivo, a abordagem dessas ciências se inverterá radicalmente.

2.2. A centralidade do afeto

A afetividade está profundamente enraizada na identidade de cada indivíduo. O indivíduo cuja identidade está alterada não consegue “identificar-se” com outro, e seu comportamento é defensivo, intolerante ou destrutivo. Os transtornos da autoestima, como sentimentos de inferioridade ou superioridade, impedem as expressões naturais da afetividade.

As pessoas que têm uma identidade débil são incapazes de amar; elas têm medo da diversidade, seus vínculos com as outras pessoas são defensivos. As formas patológicas da afetividade se expressam, na discriminação social, no racismo, na injustiça e nos impulsos autodestrutivos.

O medo à diversidade representa uma grave alteração da identidade, isto é, produto da insegurança diante do que é diverso. Nasce aí uma zona de desconforto, gerada pelo medo de se deparar com o desconhecido, pois o outro não é sentido como semelhante e sim como um estranho.

Nas palavras de Rolando Toro “o medo à diversidade representa uma grave alteração da identidade. Os sentimentos de amor são alheios a estas pessoas. As únicas forças de coesão entre eles são aquelas que geram os grupos psicopáticos tipo gang, racistas, mafiosos ou sectários.” (TORO, 2008, p. 42).

Nesses termos, pessoas sem capacidade de amor, são capazes de inconcebíveis níveis de violência, pode desencadear horrores. Verdadeiras tragédias humanas já foram vividas na história da humanidade pela ausência deste vínculo profundo de solidariedade e amor ao próximo.

Segundo Toro a afetividade abarca qualquer das paixões do ânimo, seja o amor, o carinho ou o ódio, tem uma complexa representação neurológica cortiço-diencefálica. Sendo assim, o ódio, por exemplo, pode estar unido ao desespero; o abatimento, unido à dor; a surpresa pode estar combinada com o pânico, do desejo, com timidez; o amor, com ódio, dentre outros.

O fortalecimento da identidade das pessoas é o caminho para o desenvolvimento de uma ética prática. Os impulsos biológicos de cooperação, integração e solidariedade, culminam, no ser humano, sentimentos que constituem a gênese do amor. A afetividade, portanto, está determinada por fatores genéticos, fisiológicos, culturais e ambientais.

A educação afetiva é o centro das atividades de uma escola que se quer biocêntrica. Princípios de afinidade e rechaço se integram em benefício da unidade biológica. É preciso buscar o elo perdido:

Se alguém vê uma semente, uma planta e a rega, vê como brota e como se expande a rama. Ama o seu crescimento, tem afetivamente uma sensação da grandeza do milagre da natureza. Do ponto de vista econômico, chegam os economistas ao bosque e dizem ‘aqui há dez mil árvores, ou seja, 50 milhões de dólares’. Não vêem o mistério do bosque, não vêem os pássaros cantando, não há mais encantamento. Só é visto o aspecto funcional e econômico. É preciso ver o mistério do bosque! (TORO, 2006: 40).

Este é o tema central da educação biocêntrica, sentir-se parte integrante de um ecossistema que precisa ser cuidado: amar a vida, o planeta, o outro, a si mesmo.

Rolando Toro ao discorrer sobre Educação Biocêntrica, ressalta a anterioridade dos processos afetivos na elaboração simbólica. A compreensão das configurações existentes no mundo está intimamente relacionada ao exercício de atribuir significado. Este exercício é uma qualidade da inteligência humana que se opera no campo da afetividade.

A definição mais essencial da inteligência seria, nas palavras de Rolando Toro, “a capacidade afetiva de estabelecer conexões com a vida e relacionar a identidade pessoal com a identidade do universo”:

Quem suja a natureza é quem não tem afeto. E quem polui o rio, polui também sua casa. Educação Biocêntrica é uma ação e um sentimento cotidianos, que se espalham cada vez mais entre as pessoas. Educação Biocêntrica defende o cuidado com a vida! Assim, a espécie humana não somente se salva, como pode aspirar ao paraíso (Toro, s/d: 8).

Nesses termos, Rolando Toro defende a urgência de se educar pessoas para um novo modo de ser diante de si mesmo, de seus semelhantes e junto à natureza. É importante registrar que não está sendo colocado em cena um tipo especial de inteligência: a afetividade é um portal para as formas diferenciadas de inteligência (motora, espacial, mecânica, semântica, etc.). O processo de autoconhecimento é,

portanto, um elemento importante no desenvolvimento de práticas educativas biocêntricas.

A questão central da educação na perspectiva biocêntrica é a criação dos vínculos afetivos. Rolando Toro propõe uma educação que tenha a vida como centralidade ética, ecológica e educativa. O objetivo é semear um processo de formação humana que desenvolva os potenciais criativos, a liberdade intelectual, a singularidade das aptidões. Esses são os pontos de partida para uma educação centrada na vida, que ajude a pessoa no desenvolvimento da sua autonomia e na criação de suas próprias pautas internas para viver, ou seja, que possa ter uma compreensão das conexões que se realizam no interior do seu próprio pensamento e a elaboração das suas leis ao caminhar. Cada pessoa precisa encontrar seu próprio caminho, que deve agregar valores e potencializar suas aptidões e talentos.

Nesses termos, a aprendizagem não é uma mera resposta frente aos estímulos do meio, é muito mais do que isso, o indivíduo, frente aos estímulos, transforma-os ativamente, segundo as suas próprias exigências, dessa forma, o conhecimento não se organiza em função das exigências externas e sim de exigências internas, do próprio indivíduo.

Assim, o aprender é um processo vivencial, é a possibilidade que nós temos de entrar em contato com a própria humanidade, é a capacidade inata do ser humano assimilar conhecimento. O conhecimento compreendido como, aquilo que pertence a qualquer forma de vida, isto é, o conhecimento acontece pela e nas relações que o indivíduo constrói com o seu entorno.

De acordo com Rolando Toro, para materializar este processo é preciso considerar o seguinte pressuposto:

É na vivência se grava a experiência. Não é apenas a memória nem só a cognição. O que realmente faz a escola é informar em lugar de fazer vivenciar as matérias. Por exemplo, a Matemática é ensinada de forma mecânica, operacional, mas não se ensina a pensar em Matemática. A escola ensina Linguagem, Gramática, verbos, mas não se ensina a poética que se pode alcançar através da Literatura e da Poesia. A escola ensina História, mas a história dos massacres e do egoísmo humano, mas não se ensina a história da grandeza humana. Não se ensina o que fez do homem um ser grandioso. Na escola é ensinado o que fez do homem um ser miserável. Os alunos saem sem ter ouvido falar de Leonardo da Vinci, de Johann Sebastian Bach ou de Lavoisier, mas sabem muito bem as datas de nascimento dos heróis mais sanguinários. (TORO, 2006, p.40).

É importante ressaltar que Rolando Toro distingue três níveis de aprendizagem: cognitivo, vivencial e visceral, não necessariamente nessa ordem, destaca ainda, que a vivência possui uma “qualidade do originário”, que não está sob o controle da consciência. E afirma: como a escola se distancia da luz, dos elementos que brilham na história da humanidade. A instituição escolar, apesar de estudar as plantas e as flores, nem mesmo consegue despertar no aluno a vontade de sentir o cheiro do mundo. Essa questão é fundamental. A aprendizagem vivencial reflete um sistema saudável, gerador de vida, material e imaterial.

Toro descreve a educação tradicional como um processo memorístico, cognitivo, em que se tem que aprender matérias e diz que “ensina os benefícios da madeira do bosque, mas não o mistério do bosque, o seu perfume, a sua dança na brisa, quer dizer, os alunos aprendem a estar frente à natureza, e não a ser parte da natureza” (TORO, 2006, p. 41).

Nesses termos, Rolando Toro destaca que a inteligência está desvinculada da afetividade, do sentido transcendente e ecológico e propõe que a escola se organize para criar situações de aprendizagem, através das quais as crianças e os adolescentes possam primeiro, “aprender a sentir” e, em seguida, “aprender a pensar”. Na vivência se grava a experiência, não é apenas a memória nem só a cognição. Aprender a sentir exige uma ambiência afetual. O prazer intelectual, o êxtase poético, a paixão científica, a fecundidade criadora e o diálogo crítico encantador surgem de um contexto afetivo. E afirma: “a construção do conhecimento conceitual é gerado na inteligência afetiva e na epistemologia vivencial” (TORO, 2006, p.44).

Rolando Toro também discorre sobre a miséria afetiva a qual estamos submetidos. Vivemos em um mundo com escassas opções afetivas ou criativas, quando faltam motivações autênticas para viver, os circuitos afetivos se mesclam e se interferem, criando uma confusão emocional. Esta situação cria opacidade de ânimo e sentimentos de inferioridade, destrutividade, como também de intolerância, identidade desintegrada, egocentrismo, individualismo, dissociação entre o indivíduo e o mundo, dificuldade de contato, etc., pode verdadeiramente florescer como doenças psicossomáticas. Para superar esse estado de coisas, Toro defende que o processo de transformação social precisa ter como referência um centro interior, isto é, precisa ter como eixo principal o princípio de harmonização, preservação e equilíbrio da vida.

Nesses termos, o processo de transformação social constitui-se de elementos saudáveis, que incluem fraternidade, altruísmo, erotismo, vitalidade, vinculação com a natureza. Não há transformação político-social a partir da neurose.

Descrente das revoluções alimentadas pela neurose, Rolando Toro diz:

Estou um pouco revoltado com as revoluções que se fazem a partir da neurose ou da idealização neurótica. Eu creio muito mais num revolucionário que trabalha concretamente com um pouco de gente, do que naquele que se reúne várias vezes para planejar e idealizar o mundo e que sabe de memória os livros da transformação social. As mudanças são encarnadas; não se fazem a nível cortical, se fazem a nível hipotalâmico. (TORO, 2008, p. 44).

O processo civilizatório que experimentamos tratou de afirmar uma dicotomia em corpo e alma. Desta perversa separação, o corpo foi perdendo a sua importância, o seu lugar na história. A afirmação dessa lógica de pensamento é cruel e as consequências são bárbaras.

O corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem e este é um ser essencialmente corporal, pois pelo corpo manifestamos aspectos de nossa existência, de nossa cultura, de nossa sociedade. Para que então dissociá-lo da mente, do intelecto, dos pensamentos, dos sentimentos? Assmann (2004) explica que o conceito corporeidade surge do pós-dualismo do organismo vivo, a fim de superar as fragmentações corpo/alma, cérebro/mente, matéria/espírito. Enquanto que a Teoria fenomenológica da Percepção humana de Merleau-Ponty (1994) parte da premissa de que a corporeidade é a manifestação relacional do homem consigo e com o universo. Isto é, expressa o envolver e mover os indivíduos por meio de um campo energético de feixes irradiantes de sentimentos e emoções no viver e conviver no mundo. Sendo assim, passível de mudanças e transformações associadas ao espaço-tempo e aos processos energéticos com o qual interage presencialmente ou virtualmente.

O corpo pode-se massacrar, o corpo pode-se torturar, o corpo pode-se submeter à fome, à miséria. Podem morrer povos inteiros com uma bomba de nêutrons, construída com a colaboração das mais brilhantes inteligências, porque no final são os princípios, a alma o que importam. O corpo não importa. Chegamos a tal situação de civilização patológica, por esta dissociação corpo-alma, que a única esperança está em unificar o homem, para que o seu corpo seja a expressão mesma de tudo que ele é, de toda sua existência. (TORO, 2006, p. 67).

Imersos no processo social caótico e desagregador, que reitera a dicotomia corpo-alma, a primeira tarefa revolucionária está em uma obrigação que temos:

criarmos nós mesmos. Para Rolando Toro, é necessário “parir a nós mesmos, dar-nos a luz, nascer de novo (...) renascer para um corpo com mais energia, com mais vitalidade e, sobretudo, com mais amor, com mais ternura”. (TORO, 2006, p. 67).

Nesses termos, a construção de uma sociedade baseada na equidade começa pelo movimento individual, pela descoberta da harmonia interior de cada um. Assumir o amor que cada um tem significa, necessariamente, fazer nascer o impulso da transformação social:

Eu não creio em um revolucionário rígido, incapaz de brincar com as crianças, que não pode fazer amor, que tem problemas e conflitos terríveis. Que pode ele- tão doente quanto aqueles que governam- oferecer à sociedade? Poderá dar alguma coisa melhor do que aquela gente miserável? Aquele que pretende fazer mudanças tem que ter plenitude, estar tão cheio de vida, de força, que disponha de uma saúde para repartir generosamente. Não pode surgir uma mudança de uma carência. Tem que surgir da superabundância. (TORO, 2008: 34).

As interações que participamos ao longo de nossas vidas particularmente durante a infância constituem tanto o fundo que demarca o curso de mudanças estruturas epigenéticas, quanto o âmbito de possibilidades no qual se dá o nosso contínuo devir estrutural como seres humanos. A corporeidade do ser humano é constituída e plasmada de modo biocultural, uma constituição ontológica que une o bio-físico-químico e os repertórios culturais/simbólicos, como amálgama de significados e sentidos existenciais.

Morrer para o corpo rígido, preconceituoso, tenso, cheio de doenças psicossomáticas, sem energia, angustiado, submetido ao estresse da vida do homem moderno, para poder renascer, segundo Toro, renascer para um corpo com mais energia, com mais vitalidade e, sobretudo, com mais amor, com mais ternura. E este processo é individual, pessoal e intransferível, e começa com uma vivência interna, num ritmo dentro de cada um, onde se terá de descobrir a harmonia interior, o amor e o impulso de transformação social que se dá a partir da mudança individual de cada pessoa.

2.3. Objetivos da Educação Biocêntrica

Lamentavelmente, a sociedade contemporânea está profundamente marcada por padrões individualistas que estimulam a competição e a dominação. Em decorrência, sofremos de uma patologia afetiva ostensiva, que gera falta de amor a si mesmo e ao

outro, baixa autoestima e dificuldade de contatos saudáveis. Afetivamente, estamos mergulhados no nível da sobrevivência. É preciso buscar a vida.

O Princípio Biocêntrico desconhece toda forma de alienação ou condicionamento autoritário, sejam estes de um governo, com a violência institucionalizada ou das ideologias políticas e religiosas que discriminam os seres humanos.

Pode parecer subversiva uma disciplina que fundamenta no respeito pela vida, no gozo de viver, no direito ao amor e ao contato. As pessoas são nosso mais poderoso meio ambiente. A família ecológica, a comunidade ecológica, são expressões do Princípio Biocêntrico.

Se o indivíduo está vinculado com o princípio da vida, experimenta a vinculação cosmobiológica, a antiga familiaridade com as pedras, com os pássaros, com o sol, com o mar. O Princípio Biocêntrico está voltado para um esforço de convergência das energias vitais que estão dispersas em nossa sociedade. Existe a capacidade de sentir amor em meio às frustrações. A Educação Biocêntrica começa atuando sobre as vivências e cultivando a afetividade, os meios de comunicação e a revalorização da vida, a justiça. Esses são os elementos preciosos da Educação Biocêntrica, e não a difamação, o sensacionalismo e a promoção de mercados.

Rolando Toro diz que precisamos criar novas pautas internas para viver. Nosso cotidiano está repleto de pautas: pautas de reunião, de assembleia, etc.. Nossa agenda está marcada com numerosos compromissos diários. Todavia, qual é o tempo que destinamos para fazer e cumprir a nossa pauta interna? Qual o tempo que temos para priorizar e cuidar daquilo que realmente é importante para nós?

Cabe à educação criar novos espaços e tempos para que as pessoas possam sentir que o caminho do cuidado e da afetividade pode ser vivido e não apenas esperado. Se uma pessoa vivencia permanentemente a competição, o individualismo e a dominação não podem criar emergências de uma prática afetiva saudável. Para criar relações de vida é preciso vivê-las e não esperá-las; para amar é preciso sentir e não imaginar.

Dar ao espaço educativo a forma de uma escola-universo. Este é o eixo principal da Educação Biocêntrica, a lição maior de Rolando Toro. É importante ressaltar que acolher a Educação Biocêntrica no espaço escolar não significa mascarar as contradições da realidade, implantar um “pacote metodológico” e elaborar um regulamento impondo uma educação que se pretende biocêntrica.

Acolher a Educação Biocêntrica indica uma atenção especial, uma sensibilidade e um cuidado cotidiano porque é uma construção sensível e lenta. Contudo, na maioria das escolas não se ensina a compreender nem a sentir intimidade com a natureza, nem se aprende a ter confiança em si mesmo, nem se aprende a amar. A educação contemporânea, não cumpre a tarefa de entregar ao indivíduo pautas internas de desenvolvimento, não desperta germens naturais de vitalidade, nem os valores íntimos; não desenvolvem genuínos potenciais criadores, a liberdade intelectual nem a singularidade das aptidões, diferenças individuais. Não fomenta o esplendor e o fascínio das relações humanas, da intimidade com o outro, a natureza e o universo.

Não se faz Educação Biocêntrica impondo conceitos, vivências, conteúdos. A Educação Biocêntrica não é objeto de decretos ou leis. O Princípio Biocêntrico fundamenta-se em uma análise histórica e sociocultural do homem e da vida, converge com a crítica aos valores da cultura contemporânea e às ideologias totalitárias. Ele também se fundamenta nas ciências convencionais da neurofisiologia, psicologia experimental, sociologia e antropologia, e não inclui ideologias políticas, religiosas.

A educação Biocêntrica é uma concepção completamente diferente daquelas propostas pelos grandes pensadores da educação. Parte de um novo paradigma das ciências humanas que é o Princípio Biocêntrico, seu objetivo é a conexão com a vida, onde sua metodologia é vivencial, nesta perspectiva, não se desqualifica a formação intelectual ou tecnológica, mas é indispensável estimular, basicamente, os potenciais genéticos que constituem a estrutura básica da identidade. A imagem do ser humano proposto pela Educação Biocêntrica é a do ser humano relacional, ecológico e cósmico. É indispensável recuperar o sentimento de sacralidade da vida e o gozo de viver, como também, promover o desenvolvimento da afetividade, da percepção ampliada e da expansão da consciência ética.

Rolando Toro destaca dois grandes objetivos na Educação Biocêntrica: a aprendizagem para o desenvolvimento do pensamento e o aprender a viver.

Aprender para o desenvolvimento do pensamento é uma tarefa clássica e corresponde ao esforço de oferecer uma educação escolar de qualidade que inclua aprendizagem cultural, leitura, escrita, aritmética, artes, preparação básica para descobrir os segredos da natureza e penetrar nas disciplinas científicas, tecnológicas e humanísticas.

O segundo objetivo, especialmente nutrido pelo Princípio Biocêntrico, indica a necessidade de aprender a viver, a ser feliz e a vincular-se. Nesses termos, Toro defende a urgência de se educar pessoas para um novo modo de ser diante de si mesmos, de seus semelhantes e junto à natureza.

Assumir a Educação Biocêntrica na escola implica em mudanças organizacionais e culturais. Para Rolando Toro (s/d, p.45), uma proposta biocêntrica a ser realizada na escola inclui, necessariamente, as seguintes atividades:

1. Descoberta de co-pertencer: o restabelecimento do vínculo com a natureza, para gerar um sentimento de co-pertencimento através de excursões, cursos de natação, cultivo de um jardim, observação e cuidado de animais, passeios a cavalo, etc.
2. Educação alimentar: atenção à alimentação através do consumo de frutas, verduras. Cuidado com a alimentação completa com proteínas de animais e vegetais, lipídios e hidratos de carbono.
3. Cuidado ecológico: cuidar do ambiente, tarefas de asseio, noções gerais de ecologia. Cuidar do mundo e do outro.
4. Cultivo da linguagem poética e outras formas de expressão artística: escrever uma poesia, fazer Biodança, expressar-se artisticamente.
5. Educação musical: assistir a interpretações de música, participar em coros escolares, pedir às crianças que façam comentários sobre suas preferências.
6. Educação musical: assistir a interpretações de música, participar em coros escolares, pedir às crianças que façam comentários sobre suas preferências.
7. Educação musical: assistir a interpretações de música, participar em coros escolares, pedir às crianças que façam comentários sobre suas preferências.
8. Biodança: participar regularmente de aulas de Biodança, pelo menos duas vezes por semana, de duração de duas horas cada uma.
9. Integração da família: convidar pais e familiares para uma sessão compartilhada com as crianças e os professores para um encontro acolhedor.

Rolando Toro (2002, p. 3) destaca 8 (oito) pontos fundamentais que orientam uma educação nutrida pelo Princípio Biocêntrico:

1. Cultivar a afetividade para superar toda discriminação social, racial ou religiosa.

2. Tomar contato com a própria identidade, a fim educar pessoas para vencerem desafios frente às dificuldades, terem coragem para defender seus pontos de vista, terem conexão com a própria força.
3. Cultivar a expressividade e a comunicação para expressar as emoções através da dança e do diálogo; para desenvolver a criatividade artística e a expressão verbal, oratória e recitação.
4. Desenvolver a sensibilidade cenestésica, percepção do próprio corpo e destreza motora para desenvolver fluidez, coordenação, sinergismo, eutonia, prazer cenestésico e natação orgânica.
5. Priorizar a aprendizagem vivencial através de oficinas de aprendizagem vivencial da natureza, geologia, botânica, zoologia e astronomia.
6. Integrar a natureza e desenvolvimento da consciência ecológica através de excursões ao mar e à montanha; percepção da natureza com os cinco sentidos; busca do ninho ecológico.
7. Desenvolver e ampliar a percepção musical e de obras de artes plásticas; percepção com os cinco sentidos de situações humanas.
8. Expandir a consciência ética.

A Escola de Formação em Educação Biocêntrica, fundada por Rolando Toro, fez uma sistematização sobre os objetivos da Educação Biocêntrica em 10 pilares, organizados da seguinte forma:

- 01- Sustentabilidade, Educação e Consciência Ecológica.
- 02- Criatividade, Expressividade e Comunicação.
- 03- Educação Musical e Artística
- 04- Educação Biocêntrica e Biorana
- 05- Aprendizagem Vivencial
- 06- Corporeidade, Sexualidade e Aprendizagens.
- 07- Consciência Ética, Cuidado e Educação.
- 08- Educação, Saúde e Ecologia Interior.
- 09- Inteligência Afetiva e Criação de Vínculos Afetivos
- 10- A família como Agente de Educação Biocêntrica

Ao semear a ideia de uma Educação Biocêntrica – uma educação que tenha como centro a vida -, Rolando Toro traz uma nova exigência: o elemento mais precioso

da educação está em colaborar para que as pessoas criem e desenvolvam suas próprias “pautas internas para viver”.

2.4. Educação Biocêntrica e a expressão dos potenciais genéticos

Cada indivíduo possui um Potencial Genético que constitui o conjunto de características único chamado “identidade”. No momento da fecundação, quando se unem os gametas do pai e da mãe, está determinada a identidade biológica que se expressará através da vida (ontogenia).

Este programa genético é único em cada indivíduo, não se repete. Determina a estrutura orgânica e os comportamentos instintivos, dos quais derivam depois funções mais complexas. A expressão dos potenciais genéticos é uma preocupação fundamental da Educação Biocêntrica.

Para Rolando Toro, os potenciais genéticos constituem a nossa identidade biológica, o elemento fundante do ser vivente. Isso significa que todas as pessoas, ao nascerem, trazem em si disposições interiores que orientam as relações que os indivíduos estabelecem entre si e com o mundo.

As investigações atuais sobre o Potencial Genético, permitem concluir que o número de potencialidades que o homem expressa, através de sua vida é uma parte mínima do total contido nos seus dotes.

Podemos, então, considerar os Potenciais Genéticos como altamente determinados e com uma grande estabilidade. Não obstante, sua expressão depende das condições que são desencadeadas pelo meio ambiente e pelos fatores de ação.

Rolando Toro agrupou os potenciais genéticos em 5 categorias, intimamente, relacionados entre si:

- **Vitalidade:** potencial de equilíbrio, de homeostase, de harmonia biológica; autorregulação orgânica; ímpeto vital, energia de que o indivíduo dispõe para enfrentar o mundo.
- **Sexualidade:** capacidade de fecundação, de sentir o desejo sexual e o prazer. É a capacidade de experimentar o prazer em todas as suas formas: comer, beber, caminhar, ou seja, desenvolver o prazer de estar vivo.

- **Criatividade:** capacidade de expressar suas emoções de forma autêntica, renovação aplicada à própria vida, isto é, emprego da criatividade em cada ato; impulso de inovação existencial e artística. É a capacidade de ousar.
- **Afetividade:** capacidade de dar e receber proteção; aceitação da diversidade humana, sem discriminação; empatia; necessidade de amor, solidariedade e compaixão. É a capacidade de amor incondicional.
- **Transcendência:** capacidade para ir além do ego e integrar unidades cada vez maiores. Implica na expansão da intimidade de cada um consigo mesmo e com a totalidade, desenvolvendo a consciência e a capacidade de vinculação e harmonia com a natureza e o cosmo.

2.4.1. Vitalidade

Cada uma das linhas de vivência provém das protovivências. As protovivências são as primeiras vivências depois do nascimento. É uma forma de aprendizagem em que basta uma única experiência para ficar registrada a respectiva aprendizagem na memória célula.

A noção de vitalidade está relacionada com um bom nível de saúde e harmonia orgânica. Assim, o termo vitalidade indica sentir “fortes motivações para viver”, “ter energia disponível para a ação”, ou seja, ímpeto vital. A vitalidade se desenvolve a partir da protovivência de movimento.

Nas palavras de Rolando Toro,

As pessoas normalmente podem estabelecer uma conexão altamente precisa com todas as manifestações de vida que as rodeiam. Uma espécie de sabedoria milenar orienta os seres vivos para as fontes nutritivas do mundo; a percepção se dirige para aquilo que gera neles vida e mais vida. Todavia, muitas pessoas perderam, por um lento processo de degradação instintiva, a capacidade de conexão à vida. A conexão à vida se encontra, hoje em dia, totalmente atrofiada. Quase não há “reflexos de vida” no cidadão comum de nossas metrópoles. Poder-se-ia alegar que a doença é a incapacidade de estabelecer “feed-backs” com tudo aquilo que está vivo no ambiente. (TORO, 2008: p.47).

Desenvolver o potencial genético da vitalidade pode gerar os seguintes impactos:

Mudanças Pessoais	Impactos no Desempenho no Trabalho
Aumento da energia vital Integração motora Superação dos distúrbios psicossomáticos Resistência ao esforço Estabilidade neurovegetativa Facilidade para rir Agilidade dos movimentos Som e expressão da voz Brilho e intensidade do olhar Harmonia e vigor dos gestos	Disposição para o trabalho; aumento do compromisso com a instituição; Melhor enfrentamento do estresse; diminuição do absenteísmo; Volta-se, continuamente, para melhorar resultados; adota enfoque analítico frente às situações complexas; Reavalia e atualiza o próprio nível de conhecimento profissional; Atitude perseverante e determinada, apesar de contratempos; oferece recomendações sólidas; Capacidade de avaliar alternativas criticamente, levando em conta a organização como um todo; Desenvolve a aptidão de assumir a responsabilidade por suas decisões.

Fonte: GONSALVES, 2009.

Transformar a escola em um espaço de vitalidade é um desafio que está posto. Falar em vitalidade é falar de entusiasmo. A palavra entusiasmo significa “ter um Deus dentro de si”. Os gregos, politeístas, acreditavam que a pessoa entusiasmada era aquela que guardava dentro de si um dos deuses. Assim se alguém fosse entusiasmado por Ceres, a deusa da agricultura, seria capaz de fazer acontecer a melhor colheita.

2.4.2. Sexualidade

A sexualidade está vinculada a protovivência de contato, como: primeiras sensações de prazer pelas carícias e durante o ato de amamentar. Rolando Toro inicia suas reflexões sobre o potencial genético da sexualidade com a seguinte afirmação: “sexualidade e vida estão indissolivelmente ligadas. O desejo sexual constitui uma forte de motivação para viver” (TORO, 2006, p 55).

Nas palavras de Rolando Toro,

A sexualidade é um modo de ser e de crescer. Toda nossa existência se desdobra sobre a trama sexual. A identidade humana se organiza no fluxo natural da energia erótica. A energia erótica é energia cósmica que gera vida. Se a sexualidade é "um modo de ser", significa que a sexualidade não é apenas uma expressão das glândulas endócrinas e da genitalidade. Tampouco está limitada à função reprodutora ou ao orgasmo. A sexualidade abarca a totalidade do ser. Nossa existência está impregnada de sexualidade e, até poderíamos afirmar, que a vivência de estar vivo se nutre dessa energia difusa de erotismo. (TORO, 2006, p. 56).

Desenvolver o potencial genético da sexualidade pode gerar os seguintes impactos:

Mudanças Pessoais	Impactos no Desempenho no Trabalho
Prazer do movimento Prazer de sentir a música Tornar-se consciente dos prazeres cotidianos Despertar a fonte do desejo Liberação da sensualidade Erotismo Identidade sexual	Manifesta prazer de realizar o próprio trabalho; Percebe e enfatiza o lado positivo das pessoas; Vivencia o prazer nas situações do cotidiano; Manifesta sentimento de satisfação diante da realização do trabalho; Dá-se conta da importância do seu papel na organização; Transmite o desejo de cuidar do ambiente de trabalho.

Fonte: GONSALVES, 2009.

Entrar em contato com o prazer de viver. Este é o desafio, que vai desde o prazer sexual comumente entendido, até os pequenos prazeres cotidianos: o prazer de um banho na temperatura adequada, o prazer de pisar na grama, na areia da praia, num tapete suave; ou de caminhar pela rua com sapatos cômodos e agradáveis, dentre outros.

Por fim, cabe lembrar as palavras de Rolando Toro:

É verdade que muitas destas coisas são inacessíveis para milhões de seres humanos perseguidos, oprimidos pela guerra, marginalizados, doentes neuróticos, miseráveis, sem recursos mínimos para alimentar-se. Mas devemos insistir em que a atitude para o prazer pode desenvolver-se em todo ser humano e que os acessos ao prazer se dão pelos mais diferentes caminhos. Se não fosse assim, não ocorreria que justamente as pessoas mais endinheiradas e as mais egoístas são as que têm menos possibilidades de conhecer o verdadeiro prazer. (TORO, 2006, p. 72).

2.4.3 Criatividade

A noção de criatividade está para além do aspecto cognitivo. Nas palavras de Rolando Toro,

Se o ato de viver é uma manifestação sutil do maravilhoso movimento de um universo biologicamente organizado e em permanente “criação atual”, a criatividade humana pode ser considerada como uma extensão dessas mesmas forças biocósmicas expressas através de cada indivíduo. Nós somos a mensagem, a criatura e o criador ao mesmo tempo (TORO, 2006, p. 77).

Ao definir criatividade através de uma “narrativa do extraordinário”, Rolando Toro fala de uma manifestação de forças universais ou espirituais, de uma superabundância colocada em movimento para gerar o novo.

Toda pessoa carrega dentro si o poder de manifestar as coisas do universo. Como diz Rolando Toro “esta riqueza interior, esta abundância de potenciais profundos, existe em todas as pessoas. O artista é apenas aquele que tem a coragem de expressar suas potencialidades.”.

Cabe, neste momento, destacar o pensamento de Rolando Toro sobre a criação: a preocupação pela forma gera um tipo de arte visual ou de som estruturados a partir do exterior. É possível, no entanto, uma arte vivencial, uma estética a partir da vivência. A maior parte das pessoas que se propõe a criar uma obra artística seja um poema, uma dança ou uma música estão preocupadas com a forma visual ou com a estrutura da obra que está sendo realizada. Neste caso, a obra se organiza por ações retroalimentadas entre a percepção sensorial e a motricidade, criando uma forma intencional, uma estrutura que responde a uma lógica pré-estabelecida.

Penso que a morfogênese de uma obra pode organizar-se a partir de fortes vivências. Neste caso, a obra é resultado de um estado interior, cuja força distribui os elementos de uma maneira orgânica, tratando-se propriamente de uma criação e não de uma construção (TORO, 2006, p. 78).

O processo criativo de Mozart pode ilustrar essa questão. Muitos estudiosos insistem na dicotomia entre o homem e a sua criação. Insistem erroneamente em perguntas do tipo: “como um homem tão mundano foi capaz de criar uma música tão profunda, sensível, sublime e misteriosa?”. É interessante a reflexão de Norbert Elias sobre Mozart:

Alguns relatos dizem que, às vezes, enquanto em companhia de outras pessoas, ouvia secretamente, dentro de si, uma peça musical que ia tomando forma. Então pedia desculpas e saía apressadamente, diz o relato; após algum tempo, voltava, satisfeito. Acabara de compor uma de suas obras. (...) O fato de que em tais momentos uma obra se componha por si mesma, por assim dizer, não ressaltava apenas da fusão de seu fluxo-fantasia com seu conhecimento artesanal do timbre e do alcance dos instrumentos de sua época ou das formas tradicionais de música. Surgia também da união de ambos, conhecimento e fantasia, a uma consciência artística altamente desenvolvida e sensível. O que sentimos ser a perfeição de muitas de suas obras deve-se igualmente à sua rica imaginação, ao seu conhecimento muito amplo dos componentes da música e à espontaneidade de sua consciência musical” (ELIAS, 1995, p. 64).

O conceito de criatividade pode ser compreendido inicialmente como a capacidade de criar inovações que comunicam uma mensagem, mesmo que potencial, aos outros. A criatividade produz uma ressonância no outro. A criação artística emerge quando a espontaneidade e a inventividade do fluxo-fantasia estão em unidade profunda. Desenvolver o potencial genético da criatividade pode gerar os seguintes impactos:

Mudanças Pessoais	Impactos no Desempenho no Trabalho
Permitir a expressão dos impulsos criadores naturais Sentir a criação como uma extensão do projeto de vida Expressão das emoções Voz, canto, escrita, desenho, movimento Integração yin/yang Reorganização do estilo de vida Criação artística Renovação existencial	Manifesta abertura para novas ideias; Produz soluções inovadoras para os problemas da organização; É um agente de mudança; Demonstra capacidade de criar mecanismos para sair da rotina; Responde de forma proativa diante dos problemas; Desenvolve novas formas de inserção no trabalho; Realiza novos tipos de atividade; Elabora estratégias para atingir objetivos de curto, médio e longo prazo; Eficaz na execução de estratégias.

Fonte: GONSALVES, 2009.

Distante do conceito elitista que separa os gênios criadores das pessoas comuns, Rolando Toro coloca a necessidade de permitir a expansão dos impulsos naturais criativos: “a criação é, como a função sexual ou a de transcendência, extensão do processo de viver”. Todas as pessoas possuem capacidade de criar.

O processo criador pode ser entendido como uma gestação, por ter uma qualidade visceral, por ser a arte de deixar frutificar. Como diz Rolando Toro,

O ato criador por excelência é parir-se a si mesmo. Originalmente refere-se a “poyesis”, parteiro, trabalho de dar a luz. Dentro desta perspectiva, o criativo tem semelhança com a expressão mais profunda do gênio da vida: a auto-poesis. (Toro, 2006, p.72).

2.4.4. Afetividade

Rolando Toro compreende a afetividade como “um estado de afinidade profunda para com os seres, capaz de originar sentimentos de amor, amizade, altruísmo, maternidade, paternidade, companheirismo” (TORO, 2008, p.44).

A afetividade é um processo complexo e não se reduz a um instante “aqui e agora”. Ela não é um estado passageiro; ao contrário, ela se nutre de elementos do tempo.

Nas palavras de Rolando Toro,

a afetividade está profundamente enraizada na identidade de cada indivíduo. Os transtornos da auto-estima (sentimentos de inferioridade ou superioridade) impedem as expressões naturais da afetividade como o amor, o altruísmo, a amizade ou a maternidade. Os indivíduos cuja identidade está alterada não conseguem “identificar-se” com outro, e seu comportamento é defensivo, intolerante ou destrutivo. O medo à diversidade é produto da insegurança despertada pelos estranhos, os quais não são vistos como “semelhantes” mas como “diferentes”. O medo à diversidade representa uma grave alteração da identidade. Os sentimentos de amor são alheios a estas pessoas. (TORO, 2006, p. 72).

Uma forma pouco conhecida da patologia da afetividade é o “relativismo ético”. O “relativismo ético” consiste em justificar ações infames com racionalizações inteligentes. Esta atitude é típica dos governos totalitários e das pessoas individualistas.

Pessoas inteligentes e sensíveis, mas sem capacidade de amor, são capazes de inconcebíveis níveis de violência e, em situação discursiva, alegam muitas vezes a relatividade da ética.

Desenvolver o potencial genético da afetividade pode gerar os seguintes impactos:

Mudanças Pessoais	Impactos no Desempenho no Trabalho
Aumento da comunicação Rituais de vínculo Eliminação das relações tóxicas Solidariedade Capacidade de dar e receber acolhida Ação social Eros diferenciado	Cria vínculos saudáveis e produtivos; Desenvolve eficácia na comunicação dos pontos de vista e na apresentação de seus argumentos; Negocia com habilidade para conseguir os melhores resultados para a organização; Tem presença e credibilidade dentro e fora da organização, integra-se bem na equipe; Cooperar na divisão de recursos; participa do intercâmbio de ideias para melhorar o desempenho da equipe; Transmite uma visão clara para o crescimento da organização; Motiva os colegas a atingir excelentes resultados; Desenvolve uma equipe forte para alcançar o potencial da unidade ou da organização.

Fonte: GONSALVES, 2009.

2.4.5. Transcendência

Para Rolando Toro, o conceito de transcendência está vinculado à superação da “força do Ego e ir “mais além” da autopercepção, para identificar-se com a unidade da natureza e com a essência das pessoas.” (Toro, 2006, p. 30).

Ir além significa abandonar a consciência de si mesmo, entregar-se, sentir essencialmente a sua vinculação cósmica, que permite o reconhecimento de que temos uma identidade: seres humanos, animais, vegetais, minerais.

Nas palavras de Rolando Toro,

O sentimento de íntima vinculação com a natureza e com o próximo é uma experiência culminante que se tem rara vez na vida. Experimentá-la uma só vez permite iniciar uma mudança na atitude frente a si mesmo e frente aos demais. O saber com “certeza” que não somos seres isolados, mas que participamos do movimento unificante do cosmos, basta para deslocar nossa escala de valores. Mas este saber com certeza não é um saber intelectual; é um saber mais comovedor e transcendente. (TORO, 2006, p. 47).

Desenvolver o potencial genético da transcendência pode gerar os seguintes impactos:

Mudanças Pessoais	Impactos no Desempenho no Trabalho
Ampliação dos 5 sentidos Vínculo com a natureza Visão sistêmica Capacidade de regressão Experiência suprema Íntase/Êxtase Aumento da autoestima Consciência mais ampla e profunda da realidade	Melhoria da autoestima; Desenvolve o processo de auto-conhecimento; Descoberta de capacidades latentes; Manifesta amplo conhecimento da organização como um todo.

Fonte: GONSALVES, 2009.

Quando se está vinculado com o Princípio de Vida, você pode experimentar uma vinculação cosmo-biológica, que permite acessar marcas imemoriais de uma familiaridade com as pedras, com os pássaros, com o sol, com o mar. Se você atua a partir do Princípio Biocêntrico, pertence à Resistência Ecológica: deseja os rios limpos, transparentes (não contaminados), defende o respeito pela fauna e pela flora. A partir do Princípio Biocêntrico, tu és um pedagogo, um amante, um artista (TORO, 2006, p. 67).

2.5. Educação e vivência

Deve ter uma vertente fundamentalmente pragmática, já que deve ajudar o educando a viver. Uma pessoa educada é uma pessoa madura, no sentido que possui a capacidade para fazer frente às contradições da vida e ir superando as dificuldades que é o ofício de viver bem cotidianamente. Cabe dizer aqui, que um sujeito educado é um sujeito capaz de ter internalizado e integrado em sua personalidade coerência em todos os aspectos de sua vida e um ambiente saudável em relação a suas possibilidades e formação.

É necessário alcançar uma nova ordem de pensamento e de sensibilidade para relacionar as experiências internas que mais preocupam os filósofos, os gênios da literatura e aos investigadores das ciências humanas. Chegou a hora de pensar novamente sobre o amor, a liberdade e a transcendência não mais como conceitos abstratos, mais sim como experiências corporais. Rolando Toro nos mostra que a metodologia de uma educação vivencial deve-se à compreensão de que a vivência antecede a consciência. A vivência daquilo que se aprende de modo integrado proporciona as pessoas entrarem em conexão consigo, sentir a si mesmas para então caminharem com progressiva transformação, ao mesmo tempo em que conservam a sua essência primordial. Uma educação que se faz pela metodologia que se vivencia, só pode ter sentido se baseada no amor e no reconhecimento do outro como um legítimo outro na convivência.

Vivência “é a experiência vivida com grande intensidade por um indivíduo em um lapso de tempo aqui - agora (gênese atual) abarcando as funções emocionais, cenestésicas e orgânicas” (TORO, 1968).

O primeiro que investigou o sentido das vivências foi Wilhelm Dilthey para o qual era “algo revelado no complexo anímico dado na experiência interna de um modo de existir a realidade para certo sujeito” (DILTHEY, 1944, p. 54).

Dilthey estabeleceu uma diferença entre as Ciências da Natureza e Ciências do Espírito. Na realidade, penso que não existe uma diferença essencial entre o natural e o espiritual, mas não obstante, as concepções de Dilthey influíram na Fenomenologia de Merleau Ponty (1994), na Ontologia de Heidegger (1927) e na Sociologia de Weber (1992, p.14).

A importância do conceito de vivência surge plenamente na Teoria de *Biodanza* de Rolando Toro, que definiu suas características essenciais e propôs um método preciso para provocar *vivências integradoras* capazes de expressar a identidade, modificar o estilo de vida e restabelecer a ordem biológica. A descrição das vivências possui um valor científico, apesar de acontecer no íntimo do indivíduo.

As vivências são elaboradas nos órgãos, nas glândulas endócrinas e nos neurotransmissores. A consciência tem o papel de registrar e resolver os problemas com o mundo externo. As comovedoras sensações que surgem das vivências têm que ser assumidas e não interpretadas (TORO, 1968).

Na vivência não há conflito; o conflito surge entre a consciência e o mundo externo. Geram a sensação global de "sentir-se vivo", evocam a intensa percepção de ser uma pessoa.

Rolando Toro estabeleceu uma caracterização geral das vivências:

1. *São subjetivas*, isto é, se expressam a partir da identidade de cada indivíduo. As vivências experimentadas por cada pessoa são únicas. Pertencem à intimidade e muitas vezes são incomunicáveis.

2. *Intensidade variável*. A intensidade das vivências é variável segundo a sensibilidade de cada pessoa e o tipo específico da vivência experimentada.

3. *São anteriores à consciência*. As vivências podem chegar à consciência imediata ou tardiamente.

4. *Temporalidade*: São produzidas no lapso temporal do "aqui-agora". São passageiras, são experiências de "gênese atual" no sentido de Alfred Awersperg.

5. *Dimensão cenestésica*. As vivências são sempre acompanhadas de sensações cenestésicas, envolvem sensações de prazer, alegria, bem-estar, erotismo, e comprometem todo o organismo.

6. *A raiz geradora* das vivências é o substrato orgânico do inconsciente vital.

7. As vivências, como reconheceu Heidegger, têm um *valor ontológico*, isto é, comprometem a realidade do ser.

8. *Expressão da identidade*: As vivências comprometem a identidade como um todo; isto significa que têm influência em todos os estratos orgânicos emocionais e existenciais.

9. *Têm consequências neuroendócrinas e imunológicas*. A vivência é a encruzilhada psicossomática, é o processo de transmutação do psíquico em orgânico.

Vivências desorganizadoras podem produzir transtornos orgânicos; vivências integradoras conduzem a uma elevação da vitalidade e da saúde.

10. *Emocionalidade*. É comum que as vivências se combinem dando origem às emoções.

11. *Influência sobre o inconsciente vital*. As vivências integradoras são o maior fator de regulação do inconsciente vital.

12. *As vivências podem ser descritas através do método fenomenológico*. Não necessitam ser analisadas ao nível da consciência.

13. *Espontaneidade*. Como a água de uma vertente, as vivências surgem com espontaneidade e leveza; possuem a qualidade do original e têm uma "força de realidade" que compromete todo o corpo. As vivências não estão sob o controle da consciência; podem ser "evocadas", mas não dirigidas pela vontade.

14. *Expressão original de nós mesmos*. O poder reorganizador que possuem as vivências se deve a que constituem a expressão original de nós mesmos, anterior a toda elaboração simbólica ou racional. As vivências são o dado primordial da identidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Valorizar a presença do outro dentro do processo educativo é valorizar a multidimensionalidade humana e estimular práticas que potencializem todas as manifestações de vida. É possível abrigar-se sobre o termo educar “o sentimento” e suas várias significações. Em suas acepções mais usuais o termo: sentimento pode significar além de uma apreensão direta e emocional a condição geral do nosso organismo, como a vivenciamos, e ainda a sensibilidade a determinados estímulos. Todas essas significações, de certa forma, subentende que sentir é uma maneira de vivenciar mais global, mais primitiva, e anterior à discursividade da linguagem.

Em nossa vida diária é algo complicado separar-se os domínios da aprendizagem do “sentir e do compreender”, através das palavras, já que o pensamento procura sempre lançar sua rede conceitual, procurando explicitá-las discursivamente. Há um domínio íntimo aonde a linguagem não pode chegar que permanece inacessível aos conceitos verbais.

A expressão de presença no mundo se torna possível quando nos sentimos conscientes do que somos, isto é, quando tomamos consciência de nossa identidade. Este é um dos processos evolutivos que mais caracteriza o ser humano: a consciência de si e o comovedor sentimento de estar vivo.

As discussões tecidas até então, não tem a intenção de desconsiderar os diversos paradigmas que uma infinidade de autores incidiu no conceito de educação, uma vez que seria insensível e improvável tal imprudente tarefa. Ao contrário disso, assevera-se que as teorias em suas infinitas dimensões funcionem de maneira dinâmica e construtiva, sendo então de pouca importância dividi-las em fragmentos dissociados. Entende-se que, em cada experiência, cada teórico, do seu lugar ofereceu uma possibilidade para novas elaborações, hipóteses e pesquisas, explorando assim novas proposições teóricas e procurando integrar novos conceitos ao debate acadêmico.

A bem dizer, espera-se também que, com o passar dos anos, a evolução teórica de alguns conceitos chave da educação passe a um estágio de juízo mais complacente com a realidade do ser humano; e que não se continue a separação entre coração e razão no processo de aprendizagem.

A contribuição original do pensamento de Rolando Toro para o campo da educação que consegui evidenciar que embora o nosso mundo comporte a harmonia,

não há uma receita de equilíbrio, pois esta harmonia está ligada à desarmonia. A ordem e a desordem cooperaram na organização do universo. É parte constituinte da existência social. A própria contradição não significa necessariamente um erro, mas o atingir de uma camada profunda da realidade que, justamente por ser profunda, não pode ser traduzida para a nossa lógica. Nunca escaparemos às incertezas e jamais poderemos ter um saber total. E se um dia a tiver, “a totalidade é a não verdade” (MORIN, 1992, p.83).

O pensamento tradicional sustenta que a vida nasce das várias combinações de elementos químicos em certas condições de temperatura e de pressão apropriadas, em um ambiente onde já está presente a água, o carbono, o fósforo, o sódio e outros elementos. Mas, ao contrário, o universo como totalidade pode ser concebido como um organismo criador da vida e dentro deste universo a vida se expressa segundo uma infinidade de formas.

Assim, a partir do Princípio Biocêntrico, podemos conceber o universo como um gigantesco holograma vivo. Nas palavras de Rolando Toro, "o Universo existe porque existe a Vida, e não o contrário, e as relações de transformação matéria-energia são níveis de integração da Vida". Para ele, “a vida não se limitaria ao resultado de processos químicos e energéticos, mas resultaria de um programa "implicado" que guiaria a construção do Universo”.

Alguns pensadores sustentam a existência de um Programa Teleonômico. Existiria, segundo esta hipótese, uma tendência no universo a realizar um programa evolutivo que lentamente avançaria, em um mundo de probabilidades, até um ponto Ômega. Esta é uma aposta enactante, princípio organizador que inspira uma proposta educativa.

O Princípio Biocêntrico, sustenta a ideia do “universo vivo”, mantém uma perfeita coerência com a existência dos sistemas vivos e dentro da unidade cósmica. O reino da vida abrange muito mais que os vegetais, os animais e o homem. Segundo o Princípio Biocêntrico, o universo existe porque existe a vida, e não o contrário.

Para Rolando Toro o universo está organizado em função da vida e consiste numa proposta de reformulação dos nossos valores culturais que toma como referencial o respeito pela vida. O reino da vida abarca tudo o que existe, desde os neutrinos até os quasares, desde as pedras até os pensamentos mais sutis. Toda expressão, todo movimento, toda dança, é uma linguagem viva e são componentes de um Sistema Vivo maior.

Esta aposta de Rolando Toro implica, ao mesmo tempo, a representação de um projeto e a ação prática para sua realização. Faz uma “aposta enactante”, ou seja, não fica à espera que o veredito dos fatos confirme ou infirme a expectativa, mas age de tal modo que esta não seja desmentida, pois a representação e a realização são a duas faces do mesmo comportamento.

Neste sentido, o Princípio Biocêntrico é uma aposta que Rolando Toro fez para organizar o seu pensamento sobre o mundo. A vida, segundo o pensamento de Toro, se organiza como convivência e coexistência com o sagrado, como o divino, e isso não se dá em um espaço ritualístico, mandálico. O sagrado se dá em qualquer circunstância em que a vida se faz presente.

A noção de totalidade implicada remete para a experiência noética, que é aquela que transforma o Cosmos primordial - onde todas as coisas são consubstanciadas numa unidade transcendente - no fundamento do ser e no mundo objetivo, múltiplo e diferenciado. O noético é o elemento transcendente da proposta de Rolando Toro, é o cimento que une e dá coerência aos objetivos da educação, já que, para ele, “Todos Somos Um”:

A força que nos conduz é a mesma que acende o sol que anima os mares e faz florescer as cerejeiras. A força que nos move é a mesma que estremece as sementes com sua mensagem imemorial de vida. A dança gera o destino sob as mesmas leis que vinculam a flore à brisa. Sob o girassol de harmonia todos somos um. (ROLANDO TORO)

Rolando Toro, com sua proposta de Educação propõe um retorno ao primitivo, um reencontro com a nossa natureza biológica e noética, com vistas a criar uma sincronicidade com o Princípio Biocêntrico. Se todos somos um, é fundamental preservar os laços cósmicos que nos unem. A afetividade, para além de um discurso gentil e cordial, transforma-se na prática revolucionária do cuidado, implicando em uma ética prática comprometida com a vida.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, R. M. T. & SHELDRAKE, R. *Caos, criatividade e o retorno do sagrado: Triálogos nas fronteiras do Ocidente*. São Paulo (Brasil): Cultrix/Pensamento, 1992.

ASSMANN, H. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004

ATLAN, H. *Entre o cristal e a fumaça: ensaio sobre a organização do ser vivo*. Rio de Janeiro (Brasil): Editora Jorge Zahar, 1992.

ARAÚJO, L.Z.S. de. Aspectos éticos da pesquisa brasileira, sept. p.58, 2003.

AURÉLIO, B. H. F. *Mini Aurélio século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

BOHM, D. *A Totalidade e a Ordem Implicada: uma nova percepção da realidade*. São Paulo: Editora Cultrix, 1992.

CAPRA, F. *A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo (Brasil): Cultrix/Amana-Key, 1997.

CERVO, A. L. & BERVIAN, P. A. *Metologia científica: para uso dos estudantes universitários*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

DAVIES, P. *Il Cosmo Intelligente: le nuove scoperte sulla natura e l'ordine dell'universo*. Milano (Italia): Editora Arnaldo Montadori, 1988.

DESCARTES, R. *Meditações metafísicas*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

EIBL-EIBESFELDT, I. *El hombre preprogramado: lo hereditario como placer determinante en el comportamiento humano*. Madrid (España): Editora Alianza, 1983.

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, ed. 1994.

_____. *A sociología de um Gênio*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, ed. 1995.

FREUD, S. *Los instintos y sus destinos. Obras Completas*. Madrid (España): Biblioteca Nueva, 1940.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas da pesquisa social*. Editora Atlas, São Paulo, 2008.

GONSALVES, P. E. *Conversas sobre Iniciação à Pesquisa Científica*. Campinas, SP. 5ª edição, Editora Alínea, 2011.

_____. *Educação Biocêntrica: O presente de Rolando Toro para o Pensamento Pedagógico*. João Pessoa. Editora Universitária-UFPB, 2009.

_____. *Rolando Toro – história e método do poeta que baila a ciência*. João Pessoa. Editora Universitária-UFPB, 2010.

GREENBERG, L. S. & SAFRAN, J. S. *Emotion in psychotherapy*. New York: Guilford Press, 1987.

HANNOUN, Hubert. *Educação: certezas e apostas*. São Paulo: Fundação da Editora UNESP, 1998.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis, Bragança Paulista: Vozes, Universidade São Francisco, 2006.

HENRIQUES, F. *A penumbra tocada de alegria: a razão poética e as relações entre Filosofia e Poesia em María Zambrano*, *Philosophica* 11, 1998.

HILLMAN, J. *La vana fuga dagli dei*. Milano (Italia): Editora Adelphi, 1991.

HOFFDING, I. *Psicologie in Umrissen*. 2 Aufl. Leipzig: Reisland, 1893.

JUNG, C. G. *Phénomènes occultes*. Paris: Ed. Montaigne, 1939.

KUHN, T. S. *A tensão essencial*. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. *A estrutura das revoluções científicas*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LEIBNIZ, G.W. *Novos ensaios sobre o entendimento humano*, *In: Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1979.

LÓPEZ IBOR, J.J. *Las neurosis como enfermedades del ánimo*. Madrid (España): Editorial Gredos S.A., 1966.

LOVELOCK, J., BATESON G., MARGULIS L., ATLAN H., VARELA F., MATURANA H. y otros. - *GAIA: implicaciones de la nueva biología*. Barcelona (España): Editora Kairós, 1989.

LYOTARD, J.F. *A Condição Pós-moderna*, trad. José Bragança de Miranda. Lisboa: Gradiva, 2003, do original francês *La Condition Postmoderne* Paris: Editions de Minuit, 1979.

MARIOTTI, H. *As Paixões do Ego – complexidade, política e solidariedade*. São Paulo, Palas Athena, 2000.

MATURANA, H. & VARELA, F. *De Máquinas e Seres Vivos: autopoiese - a organização do vivo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. *A Árvore do Conhecimento*. São Paulo: Editorial Psy, 1995.

_____. *Autopoesi e cognizione*. Venezia (Italia): Marzilio, 1985.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1994. (Coleção Tópicos)

MOREIRA, D. A. Etapas de uma dissertação de mestrado. Revista Alves Penteados, 1999.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2ª ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

_____. La complexité humaine. Flammarion. Paris, 1994.

_____. Introdução ao pensamento complexo. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

_____. *Il Pensiero Ecologico*. Firenze (Italia): Editora Hopeful Monster, 1988.

_____. A ciência com consciência. Portugal. Edições Europa América, 1982.

NICOLAI, J.F. Psicogenesis. Santiago: Prensa de La Universidad de Chile, 1935.

ORTEGA Y GASSET, J. Lo Spettatore. Parma (Italia): Ugo Guanda Editore, 1993.

PASCAL, B. Pensées Classiques Garnier, Paris, 1964.

PRIGOGINE, I. *¿Tan sólo una ilusión? - Una exploración del caos al orden*. 2ª Edición. Barcelona (España): Editora Tusquets S.A., 1988.

_____. Dissipative Structures in Chemical Systems, in Stig Claesson (org.), Fast Reactions and Primary Processes in Chemical Kinetics, Interscience, Nova York, 1967

RICOEUR, P. *Le conflit des interprétations*. Essai d'herméneutique. Paris: Seuil, 1969

SANTOS, B.S. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. Cortez, São Paulo, 1995.

_____. Um discurso sobre as ciências. Porto: Ed. Afrontamento, 1987.

SECAF, V. *Artigo Científico: do desafio à conquista*. 3ª ed. São Paulo: Green Forest do Brasil; 2004.

SHELDRAKE, Rupert - *Una Nueva Ciencia de la Vida - La Hipótesis de la causación formativa*. Barcelona (España): Editora Kairós, 1990.

STENGERS, I. A Invenção das ciências modernas. Tradução Max Altman. SP: Editora 34, 2002.

THOMPSON, W. (Org.) - *Ecología e autonomía - La Nuova biología: implicazioni epistemologiche e politiche*. Milano (Italia): Feltrinelli, Campi del sapere, 1988. T.O.E. - Theory of every things. *Scientific American*.

TORO, Rolando. Afetividade. Escola De Formação em Educação Biocêntrica. João Pessoa, UFPB, 2008.

_____. Inteligência Afetiva. In: FLORES. F.E.V. Educação Biocêntrica: aprendizagem visceral e itegração afetiva. Porto Alegre. Editora Evangraf, 2006.

_____. Princípios de Educação Biocêntrica. Escola De Formação em Educação Biocêntrica. João Pessoa, UFPB, 2006.

_____. Por uma sociologia da felicidade. Revista Psiconews. São Paulo, março, 1996.

_____. Teoria da Biodança. – Coletânea de Textos. Fortaleza: Associação Latina-Americana de Biodança, 1991.

_____. El Principio Biocéntrico. Recife (Brasil): Editora Bio's, 1987.

_____. Educação Biocêntrica. Santiago, Chile. International Biocentric Foudation, s/d.

VARELA, Francisco, THOMPSON, E. & ROSCH, E. *De Cuerpo Presente - Las ciencias cognitivas y la experiencia humana*. Barcelona (España): Editora Gedisa, 1992.

VARELA, F. Un Know-how per l'etica. Roma (Italia): Editora Laterza (Lezioni italiane, Fondazione Sigma-Tau), 1992.

_____. Principles of Biological Autonomy. New York (USA): Elsevier North Holland, Inc., 1979.

_____. Scienza e Tecnologia della Cognizione. Firenze (Italia): Editora Hopeful Monster, 1987.

Vattimo, Gianni. *Posmodernidad: una sociedad transparente? Entorno a la posmodernidad*, Barcelona, Anthropos, 1994.

WATZLAWICK, P. (Org.) *La realtà inventata - Contributi al costruttivismo*. Milano (Italia): Feltrinelli, Campi del sapere, 1988.

WEBER, Max. Metodologia das Ciências Sociais, Parte 2. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

WEIL, Pierre. A consciência cósmica. Introdução à Psicologia Transpessoal. Petrópolis-RJ (Brasil): Editora Vozes. 1990.

ZAMBRANO, Maria. *Filosofía y Poesía*, Madrid, FCE. 1987.

_____. Sentiers. Paris, Antoinette Fouque. 1992.